


A close-up photograph of a woman wearing a blue headscarf. The scarf is intricately decorated with colorful embroidery. On the right side, there is a vertical column of red letters that appear to be 'R', 'A', 'L', 'I', 'S', 'M', 'O', 'S'. On the left side, there are yellow letters 'R', 'O', 'S' and a yellow symbol resembling a triangle with a circle inside. A pink thread is also visible, weaving through the design. The woman's eyes are visible through a slit in the scarf, looking towards the camera. The background is a soft-focus outdoor scene with green foliage.

*Fiandografia: experimentações entre leitura  
e escrita numa pesquisa em educação*

*Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação  
Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE)  
Linha de Pesquisa LP4: Educação e Artes*



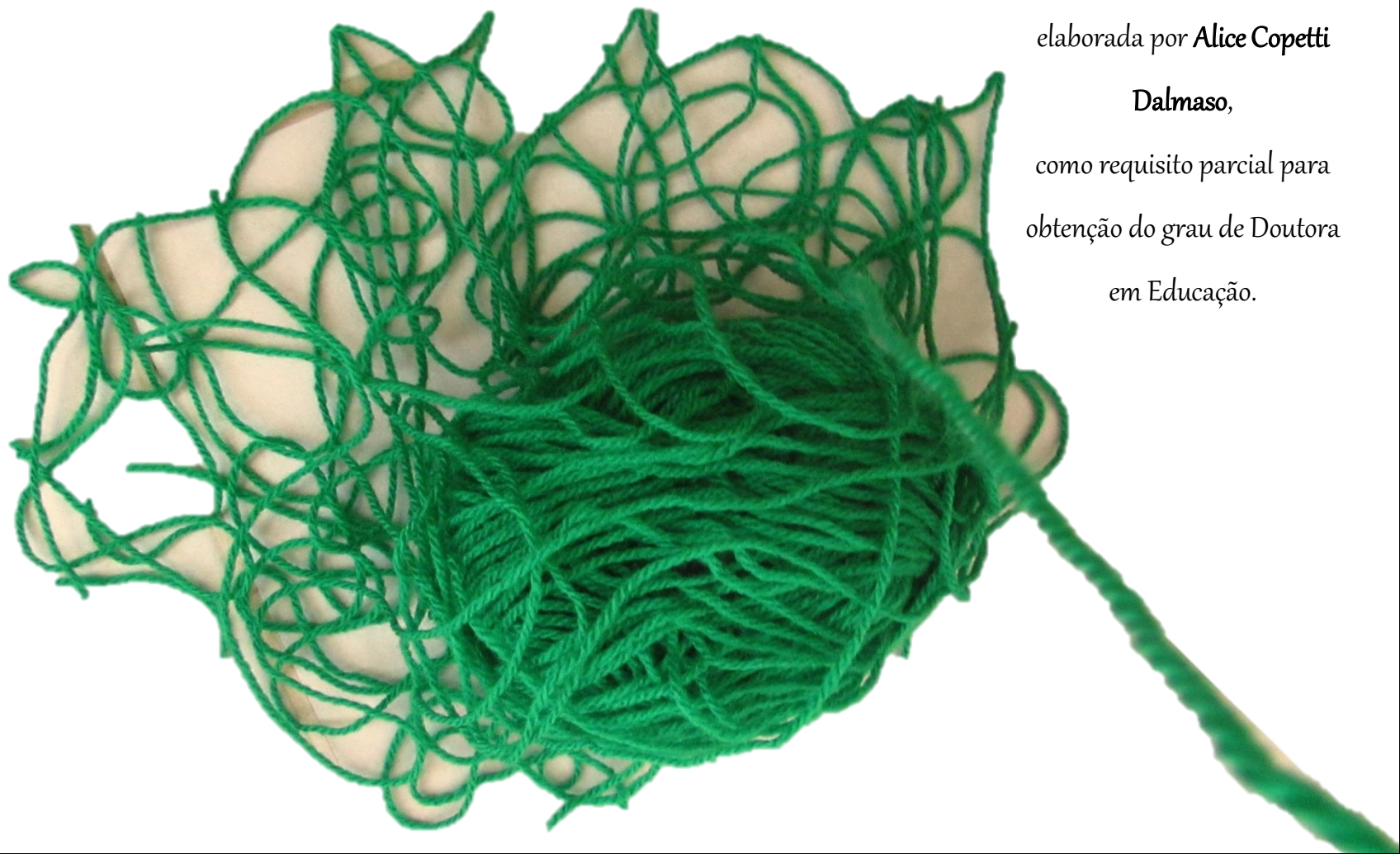
*Fiandografia: experimentações entre leitura e  
escrita numa pesquisa em educação*

*Doutorado em Educação*

*Acadêmica: Alice Copetti Dalmaso  
Orientador(a): Profa. Dra. Marilda Oliveira de Oliveira*

*A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a tese de doutorado*

*Fiandografia: experimentações entre leitura e escrita  
numa pesquisa em educação*



*elaborada por Alice Copetti*

**Dalmaso,**

*como requisito parcial para*

*obtenção do grau de Doutora*

*em Educação.*

---

Profa. Dra. Marilda Oliveira de Oliveira – UFSM  
Orientadora

---

Profa. Dra. Sandra Mara Corazza – UFRGS

---

Prof. Dr. Cristian Poleti Mossi – UFRGS

---

Prof. Dr. Guilherme Carlos Corrêa – UFSM

---

Prof. Dr. Lutiere Dalla Valle - UFSM

---

Profa. Dra. Cynthia Farina – IFSul

---

Profa. Dra. Ana Maria Hoepers Preve - UFSC

*À Tereza, Irineu, Pedro, Silvana, Lúcia e Antônio, e suas mãos invisíveis, que me incentivam a buscar o desconhecido, a abraçar o medo e acarinhar sorrindo os erros.*

*À Camila, pelo aprendizado mútuo de dizer sim à vida.*

*À Carol, por me ensinar que a amizade é um silêncio.*

*À Ana, Angélica, Carin, Cris, Francieli e Vivien, coletivo que fianda comigo em cada encontro, sustentando o tecido imanente dos dias.*

*À Marilda, por me permitir alçar voos alegres em meio à incerteza e ao não experimentado.*

*À CAPES e UFSM/PPGE pelo financiamento e suporte a esta pesquisa.*

## RESUMO

Leitura e escrita caminham juntas como experimentação numa pesquisa de doutorado, na perspectiva de tomar a leitura de um texto (ou de qualquer outra coisa com a qual se encontre) que não apenas o/a interprete, mas que o/a *experimente*. Experimenta-se, abre-se mão do ímpeto de conclusões, arriscando-se, assim, a um exercício de escrita que não esteja em falta com alguém ou alguma coisa, uma proposta ou especificamente o ideal de um texto e de uma pesquisa em educação. As leituras que perpassam as noções de leitura e escrita neste trabalho, a partir de autores como Deleuze, Guattari, Barthes e Larrosa, junto aos conceitos de devir e acontecimento, permitem pensar o ler e escrever como processo (de)formativo. O que a leitura e a escrita podem produzir como movimento de aprender, de pensamento e de vida numa pesquisa em educação? A escrita que move e é movimentada, que se faz junto à experimentação da leitura, realiza-se numa névoa de intenção que persiste entre os cruzamentos da vida: o de desaprender um pouco sobre si mesmo, de destruir coisas que não querem ser dadas como nossas, mas que se mantêm encrustadas na pele. Trata-se, nestas (des)constituições, de apenas *um* processo: de uma estudante de doutorado, um processo (de)formativo, outro qualquer. Um processo de como se experimenta com a leitura e a escrita numa pesquisa de doutorado em educação e do que aqui, até então, tem-se chamado de forma torta e nebulosa de (de)formação, experimentação, aprendizagem. A Fiandografia, nome dado para dizer sobre a construção das relações entre leitura e escrita, compõe uma trama-tecido, passível e aberta, que vai dando corpo à pesquisa, como um caminho, um tracejar-tecer-costurar fios de escrita numa pesquisa; um fiandar que persiste em meio à docência, aos espaços e tempos que se compartilham, junto aos discursos que nos adoecem. Conjuguar escritos: uma cura, um fiandar infinito.

Palavras-chave: Fiandografia; Leitura; Escrita; (De)formação; Educação.

## **ABSTRACT**

Reading and writing walk together as experimentation in a doctorate research in the perspective of taking the reading of a text (or any other thing that we can come up with) that is not only interpretation, but is also experimentation. People experiment, avoiding the impetus of conclusions, risking themselves in a writing exercise that is not in debt to anyone or anything, a proposal or specifically the ideal of a text or a research in Education. The readings crossing the notions of reading and writing in this work, by authors such as Deleuze, Guattari, Barthes, and Larrosa, along with concepts of becoming and happening, allow me to think reading and writing as a (de)forming process. What can reading and writing produce as movement of learning, thinking, and living in a research in Education? The writing that moves and is moved, which is made along with the experimentation of reading, is developed in a fog of intention which persists between the crossings of life: such as unlearning a little about oneself, destroying things that do not want to be conceived as ours, but that are kept deep into the flesh. These (un)constitutions are about just one process: a doctorate student's process, a (de)forming process, any other process – a process of how to experiment with reading and writing in a doctorate research in Education and with what is here called in a twisted and foggy way (de)forming, experimentation, learning. Thread-writing, name given to mean the construction of relations between reading and writing, composes a capable and open weave-fabric/texture that gives body to the research as a path, a trace-weave-sewing of writing threads in a research. This thread-writing persists in teaching, in shared spaces and times, together with the discourses that make us ill. Conjugating writings: a cure, an endless thread-writing.

Keywords: Thread-writing; Reading; Writing; (De)forming; Education.



A vida é uma teia tecendo a aranha. Que o bicho se acredite caçador em casa legítima pouco importa. No inverso instante, ele se torna cativo em alheia armadilha.

Mia Couto



# Sumário

Vasculhar sentidos, apurar passagens.....p.10

Uma linguagem inútil.....p.15

Baú de bordados.....p.20

A infinita fiadeira (e sobre uma Fiandografia).....p.21

Das Fiandagens.....p.35

Mariamar.....p.37

## SALTO

Passante.....p.43

## RE-SALTO

Por que escreves?.....p.45

Escritos fundidos.....p.48

## SALTO

Remar, no infinito.....p.51

Afinar silêncios.....p.56

## RE-SALTO

Despropósitos, paralisias.....p.65

## SALTO

Dos excessos.....p.69

Des(atar) em nós.....p.72

## RE-SALTO

Lãs. Perfurar palavras.....p.77

## SALTO

Linhas.....p.83

Um por enquanto no que há (de vir).....p.91

Referências.....p.96

[...]criar um tecido de relações moventes

## ***Vasculhar sentidos, apurar passagens.***

*História de um homem é sempre mal contada. Porque a pessoa é, em todo o tempo, ainda nascente. Ninguém sente uma única vida, todos se multiplicam em diversos e transmutáveis homens. Agora, enquanto desembrulho minhas lembranças eu aprendo meus muitos idiomas. Nem assim me entendo. Porque enquanto me descubro, eu mesmo me anoiteço, fosse haver coisas só visíveis em plena cegueira. Nasci de ninguém, fui eu que me gravei. Meus pais negaram a herança das suas vidas. Ainda sujo dos sangues me deixaram no mundo. Não me quiseram ver transitando de bicho para menino, ranhando babas, magro até na tosse. (COUTO, em Cada homem é uma raça, 2013, p. 29)*

Escrever impelida pelo desejo de desfazer imagens. Transitar em nascer no tempo da lembrança do que fomos, do que acreditamos ser e se embrenhar nos acordes de um passado de muitas vidas, fazendo do presente, gravidez de possibilidades conjugadas, por carregar tantas linguagens, tantas formas diferentes das que conhecemos. Nascer, nascer e morrer num transitar de vidas, banhar-se desse sangue na natureza de muitos. Empobrecida de mundos, inundar-se, quando fechar os olhos, na imensidão de compor, agenciar, permutar em habitações de verbos: correr, arrastar, grunhar, ranhar, cuspir, cegar, ventar, aguar, chover.

Inventar o absurdo. Quero ser bicho que nasce em gente de mil vidas. Explodir o tempo inimigo e deixar compor universos de luzes que caem. Ler, falar, escrever, cantar palavras e sons que ressonam no peito a sensação de que outrora nunca as escrevi, falei, ouvi e senti. Em meio à dinamite de sonhos de menina que se sente bicho, dormir embalada pela certeza incerta: somos vidas futuras em caminhos desconhecidos, em mundos de outrem.

Ser assaltada pelo desejo de experimentações: leituras, escritas, desejos de uma e outra se enroscarem, jogarem entre si. Assaltada nos gestos, para que possa desfazer-se um pouco do que se é, do que outrora nos definimos como sendo e que nos perdemos sendo, na medida em que as palavras vão sendo postas no papel, na tela em branco, em qualquer espaço passível de aceitar os rabiscos. Rabiscos que se perdem sem quererem ser alguma coisa de tangível, pretensiosamente de não se constituírem num objetivo, num ensinar algo em educação.

Liberar o desejo de uma escrita que se produz com uma leitura, leitura que não cessa de se produzir quando se escreve. Pensar uma pesquisa em educação em consonância com esse movimento, sem direções exatas, lugares de chegadas, conclusões. Desconfigurar e amontoar ideias, desvincular-se de certa normatividade e mitos de uma escrita, de uma pesquisa acadêmica, de verdades em educação. Esforço de um trabalho que não se faça em mensagens: reunir apenas desejos, locuções com investimentos (e desinvestimentos) de si, na desmontagem e agenciamentos com outras linguagens. Inventar espaços de escrita, possibilidades com ela.

Vagueio entre isso tudo, para ser outra em educação. Jogo, assim, garrafas ao mar, à força de ser arrastada pelas ilusões, seduções, intimidações das palavras e das coisas, das pessoas, do mundo. Entregar-me sem pretensão de porto. Ele existe, sim, disposto a ser como lugar de passagem ou de morada mais longa, até lançar-me ao mar novamente, e de novo, e de novo. Garrafa em alto mar, girando em si mesma, à deriva de outras derivações. Um pouco sobre escrever sem destino, ler e fugir do que está sendo lido. Pousar em outro lugar, no engodo de que a palavra espere meu retorno. Isso apenas pela vontade de ser mais mundo e de encontrar qualquer lugar que me pareça certo.

Aprender a escrever e ler sem medo, com medo, em risco. Brincar com o que se vive, com o insuportável, com o impensável. Talvez assim, no compartilhamento de algumas composições de pensamentos, construo outros começos de uma pesquisa.

Falar do que não sei. Escrever sobre o que desconheço. Contar o desconhecido e guiar um leitor ao destino do desacordo e do deslocamento de sentidos de uma pesquisa, a distância infinita do que não se sabe sobre aquilo que se pesquisa, se escreve, se vive.

*E sobre o que queres conhecer? O que queres aprender?*

Quero aprender sobre o movimento de dar-me o direito de ler e escrever pelo prazer desses movimentos. E do que posso, com e a partir disso, colocar em vizinhança com uma educação, com um processo que tenho chamado de (de)formativo.

De(formação) ou De-formar aqui impelem a suspender o excesso de interpretação pela experimentação na e com a vida. Uma pesquisa que se intitula Fiandografia como um modo que se põe a construir o seu Corpo sem Órgãos (DELEUZE; GUATTARI, 1996), corpo não-morto, mas vivo, Corpo tão Vivo: “tão vivo e tão fervilhante” que expulsa “o organismo e sua organização” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 43).

Que deseja investir na desorganização dos órgãos para desorganizar o organismo, organismo como esse “fenômeno de acumulação, de coagulação, de sedimentação” que nos impõe “formas, funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair um trabalho útil” (DELEUZE, GUATTARI, 1996, p. 21). Atentar à possibilidade de expulsar o organismo e liberar-se da utilidade e da função da pesquisa, do pesquisador, da vida-corpo que pesquisa. Então talvez se procure não deixar a forma e o organismo ser dominante em nós, esvaziar-se de categorias e lógicas em que constantemente somos subjugados e subjugamos. Quis pegar pelas mãos o direito de oscilar para uma experimentação de uma leitura e escrita, e de um viver Corpo sem Órgãos, ainda que sempre capturado, bloqueado e rebaixado.

Uma pesquisa em educação-Corpo sem Órgãos,<sup>1</sup> que se faz zerar para poder se tornar sempre outra coisa, onde há relações ainda por se construírem, linguagens por se inventar, linhas de fuga a serem feitas, ausências a produzir sentidos, acontecimentos por contra-efetuar, língua a ser gaguejada, saltos a se fazerem, devires a tomarem impulso. Deixa-se ser atravessada pela intensa vitalidade que desafia os órgãos e desfaz a organização: “relação do corpo com forças ou poderes imperceptíveis que dele se apossam ou dos quais ele se apossa, como a lua se apossa do corpo de uma mulher” (DELEUZE, 1997, p. 149).

Pesquisa que se deseja como um modo de de-formar, que procura desinstituir o juízo, a negação da vida, os tribunais de qualquer natureza. Rearranjar as portas de entradas e saídas do corpo. Desorganizar a linguagem,

1- Referente à Tese de Cristian Mossi (2014) intitulada ‘*um corpo sem órgãos, sobrejustaposições: Quem a pesquisa [em educação] pensa que é?*’. Disponível em: <[http://cascavel.ufsm.br/tede/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=6418](http://cascavel.ufsm.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6418)>.

desorganizar o corpo, desorganizar a vida. Desorganizar as verdades e o pensado em educação, as ideias, a obrigatoriedade, a pesquisa, o sujeito. Desorganizar os sentidos, hierarquias, lugares, tempos. Desorganizar-se, instalar-se enquanto modo de desorganização, nunca demasiadamente definitiva e pronta em si mesma, mas sempre aberta a novas desorganizações, de-formações. De-formar-se enquanto modo de afirmar e afirmar-se, definir o corpo em devir, numa ampla conjugação de relações de combate.

“Uma pesquisa que seja a um só tempo processo de autoformação, resposta às questões vivas no presente e produção de encontros. Encontros entre pessoas, encontros com o tempo presente, com coisas, autores e conceitos” (CORRÊA, 2014, p. 11). Relativo a compor maneiras de ler, escrever e viver como um processo de pesquisar; um aprender no encontro com o heterogêneo que trata mais de um desaprender, uma autoformação que desaprende por se de-formar: “A noção de ‘Corpo sem Órgãos’ coloca em questão a ideia de ‘formação’ que está no centro de quase todas as ‘filosofias’ da educação [...], que por sua vez é central para a ideia mais ampla de ‘desenvolvimento humano’. Talvez fosse melhor [...] falar não em formação, mas em de-formação [...]. Educar poderia ser isso: ‘de-formar’” (TADEU, 2004, p. 44).

Tentativas existenciais de abandonos de certezas e determinações sobre educação, lançando-se a lugares incertos, que faz liberar o que se acumula e aliena, tateando novas possibilidades metodológicas de pesquisa, de pensamento e de vida. Ativar uma capacidade de invenção, mas de uma invenção “que não se pensa a partir da perspectiva da liberdade criadora do gênio, da soberania de um sujeito capaz de criar a si próprio, mas a partir da perspectiva da experiência, melhor, da experimentação” (LARROSA, 2005, p. 66), movimento incessante de destruição e construção de nós mesmos.

Embaralhar modelos prévios e ideias de pesquisa, de aluno, professor, pesquisador ou forma ‘melhor’ de pesquisar, de pensar, de sentir e de viver. Criar modos de pesquisar-modos de viver não-institucionais dentro do institucional, não-disciplinar dentro do disciplinar, de experimentar outros lugares dentro de um lugar maior, produzir vias e pequenas fissuras dentro da grande engrenagem.

As experimentações de escreituras desta pesquisa também querem dar a nascer outros leitores, talvez, à medida

que me permito também experimentar outras leituras e escritas, atenta ao emaranhado de linhas as quais constituem a pesquisa, o corpo, a vida.

*Crie para si... Seu Corpo. Sem. Tão Vivo. Assim, nada fácil, mas necessário, talvez.*

Uma Fiandografia assim vai se fazendo. *Des-fazendo.*

## **Uma linguagem inútil.**

*Costuro. Prego. Rasgo. Limpo. Rasuro. Pinço. Guardo. Abro. Respingo. Apago. Costuro. Prego. Rasgo. Limpo. Rasuro-pinço. Guardo, abro. Respingo-apago. Limpo-costuro. Rasgo-prego. Apago-abro. Respingo-pinço. Rasgo-prego. Respingo-rasuro. Prego-guardo. Apago-limpo. Costuro-abro.*

*Volto, começo, retorno, encontro vazios intocados, canso de dar sentido. Em instâncias de chuva, guardo molhados na rua. Perco-me nas folhas que, encharcadas, voltam a atingir a posição antes do pingo. Respingo-pingo.*

*Há dias que não passo, deixei de passar. Passo por blocos, apenas. Toco blocos de escrita, massagueio lembranças, balbucio que as quero, e volto a largá-las em seguida.*

*As horas que me escorrem fizeram-se comigo na observação da palavra que se ri, da não-palavra que chora, silencia e grita, escorre e baba, volta trêmula, vomita. Ainda assim, sei pouco de mim e dos outros que vez em quando me observam, me acham, me assustam, me vigiam, me esquecem, me traem, me perdem. Tantos me perderam em insistências de serem os mesmos. Porque já não sou eu, nem me. Me me me me que não existe. Existem outros em mim. Os mesmos, ainda e pouco, vagamente. Brinco de esquecer. Esqueço mais. Sou só agora. E agora, prego. Prego que me acorda. Resistente até em dias de chuva, dias que acizentavam o buraco negro que cospe silêncio. Sei de mim pela variabilidade nata de acordar cinza em dias cinzas. Amarela em dias amarelos. Negra em dias azuis. Em dias brancos, rosa.*

*[Deixei de ser inteligível, não me entendam bem!]*

*E onde há tanto de não-sentido, é onde caso. Colho restos de qualquer coisa e amontoo para que, sozinhos, deem jeito de virar abrigo. Não fazem nada, os idiotas. Triplico e encontro força lá onde o chão perdeu a terra. Retorno um pouco maior, em meio à mediocridade de me sentir grande. Recolho-pinço, costuro mortes, nascenças, desvios e medos. Deixo os*

*medos juntos, colados, para que me vigiem em desafiá-los. Tracejo, suo muito, durmo em meio ao barro, barro-cansaço, barro-dor. Acordo insana e volto a costurar em meio aos desejos dos outros, à vontade que não falta em seus gestos. Visualizo-os, aperto ao peito, e sigo trazendo linhas de desatino aceito. Lá quando me faço aconchego, a casa me abraça e diz a mim lentamente que descanse: pra quê pressa, se te sobram mãos?*

*Recolho minhas peles, escamas que larguei ao debater com a vida, e levo para casa.*

*Rasgo-prego. respingo-rasuro. prego-guardo. apago-limpo. abro-costuro.*

*Manufaturo a vida, enquanto ela mesma me ensina a costurar os dias.*

*Onde encontrei linhas que se estendiam em minha direção, então sorri e beije.*

*Beije o riso até perder o som de minha voz.*

UMA LINGUAGEM NÚTIL



*Soerguer um problema que se instala e move:* O que a leitura e a escrita podem produzir como movimento de aprender, de pensamento e de vida numa pesquisa em educação? E algumas questões de pesquisa, então, transversalizam essas linhas de escrita: O que pode uma Fiandografia como um modo de pesquisar em educação? O que pode essa Fiandografia como construção de um método de produção de escritura (CORAZZA, 2013) numa pesquisa em educação? Que costuras, articulações, cruzamentos, relações, agenciamentos podem ser produzidos entre leitura e escrita que pensem um processo (de)formativo?

A literatura, e o acompanhamento do escritor Mia Couto agenciou-se no início do processo de doutoramento (e mesmo antes dele) e, desde então, tem colocado o movimento de pensamento sob outros contornos. O literato era visivelmente presente ao arrastar-me a escrever; escrita que queria fazer fugir da representação do que se entende como educação, formação, sujeito, professor, aluno, ensino, aprendizagem, natureza, cultura, homem, mulher, criança, palavras tão presentes, prontas, envelopadas.

Os escritos que passaram a dar vazão a essa tese compuseram-se com as leituras já no início do doutorado, às vezes com a literatura de Mia Couto ecoando junto, quando assim uma e outra já estivessem a tal ponto agenciadas que não bastava mais delimitar as suas origens e delimitações. O que aqui então se faz é permitir-se, cada vez mais, deglutir os lidos de Mia, revirar e fragmentar o autor. As costuras com o mesmo persistem enquanto presença disparadora de um pensar sempre outro, enquanto força irrepetível.

Essa linguagem – da literatura que utilizo, das leituras desse processo e das outras composições de escritas que vou trazendo – não deseja comunicar, criar consensos, fazer refletir sobre educação. Apresenta, assim, certo caráter de inutilidade em criar consensos educacionais. Trata-se de descrever um percurso, um modo, um processo de encontro com a escrita e com a leitura e de operação com as mesmas. O que motiva e leva a estudar é essa “linguagem inútil”, que se destitui de construir uma verdade contingente e moral, para, quem sabe, “sofrer menos” (BARTHES, 2004, p. 142).

Intento produzir sulcos na ideia de linguagem exclusivamente considerada “como um suporte (de significado), como um instrumento (de expressão, de comunicação) ou como veículo (de informação)” (LARROSA, 2004, p. 299). Ou seja, procura-se tratar a linguagem ao modo como os autores que utilizo também a usam, de modo não soberanamente objetivante e instrumental, mas como experiência e experimentação, na relação com ela e de seu desfrute, numa certa erótica com o texto que se lê e se escreve, ao procurar operar a instância de “fazer passar a experimentação e o desejo pela relação com o texto, não só a compreensão ou o sentido” (LARROSA, 2004, p. 303).

Na perspectiva de uma experimentação, a paisagem da pesquisa (ou mesmo da construção de um texto, de um artigo, aula) vai sendo feita por arranjos, maquinações e o percurso não é outra coisa do que essas conexões inventadas, não importando tanto o que os elementos juntados significam, tampouco o que vai acontecer ou qual o próximo passo. Interessa mais “mobilizar o corpo, o pensamento, sensibilizá-los de modo que cada um experimente a paisagem, faça conexões, traçando linhas e acompanhando-as, linhas por meio das quais a paisagem se desmancha e se inventa” (GODOY, 2007, p. 135).

Nessa paisagem, as leituras sobre conceitos de escrita e leitura a partir de Barthes (2003, 2004, 2008, 2012), Deleuze (1997, 2013), Larrosa (2004, 2010, 2014), empurram com força o trabalho. No entanto, os conceitos de devir (DELEUZE e GUATTARI, 1995, 1996, 1997) e acontecimento (DELEUZE, 2003; DELEUZE e PARNET, 1998) aparecem e ocupam também seu lugar na pesquisa, atrelados ao processo de experimentação com a escrita e com as leituras, ainda que não se disserte sobre cada um deles. Conceitos que dão fôlego aos dados, à Fiandografia, construindo, tomando corpo junto a ela, efetuando-se como um caminho, um tracejar, um criar fios de escrita numa pesquisa.

Inventando, roubando histórias, falas, escritos, um fiar de linhas que dilui o sujeito que escreve. Conexões entre personagens, contos, escritos pessoais, dos outros, oralidades presentes na vida, que desejam se construir num tear de fios... tecer fios de palavras... por arte.

Encontro em baús e tecidos guardados uma parte desse material e que, misturando-se aos livros, passa a constituir a Fiandagem num processo de pesquisa em educação.

MIA COUTO

MIA COUTO

ou o que sempre fui: uma leoa. Na realidade, foi o escuro  
uma leoa em corpo de pessoa. A minha forma era É isso que se  
mas a minha vida seria uma lenta metamorfos  
a unha em garra,  
dibu

Ao ler, o importante não é o que o texto diz, aquilo a que o texto se refere, e sim o que o texto nos diz, aquilo para onde o texto se dirige. Não se trata de revelar um saber sobre o texto, mas sim de fazer a experiência do texto. O importante não é do que fala o texto, mas para que fala, para onde fala, para que pessoa ou pessoas fala. Na leitura, o texto fala para nós, nos fala: fala para nossa escrita, para nossa conversação, para nosso pensamento, para nossa maneira de viver (LARROSA, 2014, p. 142).

MIA COUTO  
O Ofício das  
missangas

O Ofício das  
missangas

## **Baú de bordados.**

*Lembrava-se dela pegando um baú de madeira que cheirava a mofo. Eram daqueles baús antigos com forro vermelho dentro e que, na imaginação da menina, serviam para guardar joias, raridades. Sua mãe o abria, porém, para pegar linhas de bordado: tesouros, coloridos. Rolos diversos junto a uma pequena tesoura usada na época, entre muitas coisas, para cortar as unhas de suas mãos.*

*Nas férias, nunca havia muito a se fazer naquela chácara. Sua mãe, no entanto, parecia querer preencher um tempo vazio de existência, quando ficara a maior parte do tempo longe da miúda, trabalhando fora de casa, tendo pouco convivido com ela. Ela então pegava algumas fronhas de travesseiros em branco e também alguns panos, próprios de enfeites de bidê, e colocava em cima da grande mesa de madeira da sala, junto a papéis rascunhos claros e macios. Com um lápis preto, desenhava flores e bichos para serem bordados.*

*A menina observava a destreza elétrica de sua mãe. Sentavam-se na área de serviço da casa quente de madeira e, sob o vento dos plátanos verdes, acomodavam-se nas cadeiras de praia ou numa poltrona velha de sua avó, dando início a um repetir infinito de pontos de bordados: ponto corrente, rococó, e outros tantos que ela só foi aprender pela configuração dos desenhos, cada qual que parecia pedir um tipo diferente de ponto, de linha e de cor.*

*A mãe não era muito paciente, relembra, mas gostava como era delicada com suas mãos, as mesmas mãos que amassavam o pão nos finais de semana, ou anotavam na agenda as ocupações que tinha que fazer na cidade, que escreviam relatórios ou cumprimentavam professores. Eram mãos fortes, mesmo que sutis em seus gestos. Assustava-se com o dedilhar ao fazer os pontos nos panos, ao colocar a linha na agulha fina, cortar com o dente a mesma linha - a mesma mulher de debates políticos, imersa em meio masculino. Ela transpirava e reinava sob esse jeito camaleão de viver.*

*A menina não tinha habilidades domésticas, fazia porque tinha que fazer, fazia porque era um modo de estar junto dela. Mas os panos bordados lhe ensinaram sobre um tempo da espera, do silêncio, da paciência com os pontos, com os nós*

*que as linhas se davam, como se autosabotassem, tempo da força de combater o que nos aprisiona. Ela olhava seus bordados que já contavam seus 18 anos em cima de alguns móveis pela casa. Pensava: ainda não estão amarelados.*

*A mãe ensinaria depois a estudar. Seguiria fazendo bordados para o neto, alguma blusa para um filho, muitos vestidos para as filhas. A filha dos bordados a preparar aulas para seus alunos, entre eles da idade de sua mãe.*

*O baú de bordados então guardaria maquiagens em seu quarto, e o forro vermelho escureceria com o encardido do rímel e do lápis de olho. Ele continuaria cheirando a mofo, no entanto. Cada vez que ela abrisse, voltaria aos seus 10 anos de idade.*

*Quando sente, enche os pulmões de imagens... e agradece baixinho pela lembrança.*

## ***A infinita fiadeira (e sobre uma Fiandografia).***

*A aranha, aquela aranha, era tão única: não parava de fazer teias! Fazia-as de todos os tamanhos e formas. Havia, contudo, um senão: ela fazia-as, mas não lhe dava utilidade. O bicho repaginava o mundo. Contudo, sempre inacabava as suas obras. Ao fio e ao cabo, ela já amealhava uma porção de teias que só ganhavam senso no rebrilho das manhãs.*

*E dia e noite: dos seus palpos primavam obras, com belezas de cacimbo gotejando, rendas e rendilhados. Tudo sem fim nem finalidade. Todo o bom aracnídeo sabe que a teia cumpre as fatais funções: lençol de núpcias, armadilha de caçador. Todos sabem, menos a nossa aranhinha, em suas distraícoeriras funções.*

*Para a mãe-aranha aquilo não passava de mau senso. Para quê tanto labor se depois não se dava a indevida aplicação? Mas a jovem aranhica não fazia ouvidos. E alfaiatava, alfinetava, cegava os nós. Tecia e retecia o fio, entrelaçava e reentrelaçava mais e mais teia. Sem nunca fazer morada em nenhuma. Recusava a utilitária vocação da sua espécie.*

*- Não faço teias por instinto.*

*- Então, faz por quê?*

*- Faço por arte.*

*Benzia-se a mãe, rezava o pai. Mas nem com preces. A filha saiu pelo mundo em ofício de infinita teceloa. E em cantos e recantos deixava a sua marca, o engenho da sua seda. Os pais, após concertação, a mandaram chamar. A mãe:*

*- Minha filha, quando é que assentas as patas na parede?*

*E o pai:*

*- Já eu me vejo em palpos de mim...*

*Em choro múltiplo, a mãe limpou as lágrimas dos muitos olhos enquanto disse:*

*- Estamos recebendo queixas do aranha.*

*- O que é que dizem, mãe?*

*- Dizem que isso só pode ser doença apanhada de outras criaturas.*

*Até que se decidiram: a jovem aranha tinha que ser reconduzida aos seus mandos genéticos. Aquele devaneio seria causado por falta de namorado. A moça seria virgem, não tendo nunca digerido um machito. E organizaram um amoroso encontro.*

*- Vai ver que custa menos que engolir mosca – disse a mãe.*

*E aconteceu. Contudo, ao invés de devorar o singelo namorado, a aranha namorou e ficou enamorada. Os dois deram-se os apêndices e dançaram ao som de uma brisa que fazia vibrar a teia. Ou seria a teia que fabricava a brisa?*

*A aranha levou o namorado a visitar a sua coleção de teias, ele que escolhesse uma, ficaria prova de seu amor.*

*A família desiludida consultou o Deus dos bichos, para reclamar da fabricação daquele espécime. Uma aranha assim, com mania de gente? Na sua alta teia, o Deus dos bichos quis saber o que poderia fazer. Pediram que ela transitasse para humana. E assim sucedeu: num golpe divino, a aranha foi convertida em pessoa. Quando ela, já transfigurada, se apresentou no mundo dos humanos logo lhe exigiram a imediata identificação. Quem era, era, o que fazia?*

*- Faço arte.*

*- Arte?*

*E os humanos se entreolharam, intrigados. Desconheciam o que fosse arte. Em que consistia? Até que um, mais velho, se lembrou. Que houvera um tempo, em tempos de que já se perdera memória, em que alguns se ocupavam de tais improdutivos afazeres. Felizmente, isso tinha acabado, e os poucos que teimavam em criar esses pouco rentáveis produtos – chamados de obras de arte – tinham sido geneticamente transmutados em bichos. Não se lembrava bem em que bichos. Aranhas, ao que parece.*

A leitura do conto a *Infinita fiadeira*, de Mia - uma aranha que tece por prazer de tecer, por arte, modo-existência de vida, improdutivos afazeres, não por instinto - fez voltar a escritos pessoais, guardados virtualmente num blog, já então desativado. *Baú de bordados* fora uma escrita em que passei pela lembrança de bordar na infância, um fazer latente, e que sempre tive desejo de voltar a ele. Bordar, quando pequena, era um modo de estar junto de minha mãe, no pouco tempo que ela tinha comigo, já que morávamos em cidades separadas. O baú transmutou-se em guardados de maquiagens, na penteadeira madeira-clara do quarto. Volto ao blog, volto meu olhar sob o baú da penteadeira: Por que não voltar a compor 'improdutivos afazeres' junto a uma pesquisa? Improdutivos afazeres vibrados por linguagens inúteis (e vice-versa) que então iriam compor os dias, numa pesquisa em educação?

Foi por aí, tem sido. Entre ler, escrever e bordar, passa a ser fôlego na vida, 'inutilidades' que esgotam "uma tarefa que traz em si sua própria felicidade" (BARTHES, 1970, p. 17). Coloquei-me, então, a estudar um pouco a biologia das aranhas. Busquei em livros guardados da graduação, passei a observá-las um pouco mais, trouxe um tempo de faculdade em Ciências Biológicas em que estudei sobre comportamento animal, mais particularmente a observação alimentar de uma aranha caranguejeira em cativeiro.

Passo a buscá-las pelos lugares que frequento, deixo que habitem um pouco mais meu território, vou me instalando, sempre que possível, em modo de estabelecer contatos com seus territórios, atenta aos seus sinais. Torno-me por vezes caçadora das mesmas: pego uma máquina fotográfica<sup>2</sup> ou um caderno de notas e resolvo, quando sinto necessidade desses elos, de permanecer observando aquelas que me permitem ser vistas (com exceção dos encontros fortuitos, quando então, já habitando um pouco mais os espaços, algumas aranhas aparecem sobre alguns objetos da casa).

Houve esforços para que essas relações se estabelecessem, no início. No decorrer da pesquisa, no entanto, ser afetado por aranhas e teias tornou-se parte dos dias, parte de um percurso numa pesquisa, um modo de fazer pesquisa.

2-Neste percurso, as imagens que estão no trabalho foram produzidas e manipuladas por mim, por isso não há legendas. Há apenas uma imagem, na página 70, com sua autoria especificada.

Vou assim experimentando com aquilo que tem suscitado a pesquisar com uma *aranhiça*.

[Fiar]grafia, fiandografia, desejo de fiandar, escrever os fios, fios que escrevem. Das fiandeiras das aranhas, um verbo não catalogado: **Fiandar**.

Fiandeiras ou Fieiras são denominados os apêndices nos abdomens de alguns aracnídeos e outros insetos que produzem o que conhecemos por fios de seda, e que decorrem a produção das chamadas teias.

Dependendo da espécie de aranha, os fios produzidos pelas glândulas são usados para formar estruturas e desenhos diferentes, o que varia também em função da finalidade da construção das suas teias: teias de captura, teias de cópula, teias de muda, de refúgio.

*[Secretar uma seda. O que se secreta? Como se produz, se constrói, se faz expelir algo como condição de existência, de sobrevivência, de território, para compor um mundo próprio?]*

Fiandar. Produzir palavras, num tempo de secretar o que consigo compor num texto, numa composição de escritos. As formas de uma teia, sua arquitetura e estética dos fios, são dadas por alguns autores como algo inato de sua biologia, não-adquirida com a experiência. As formas dessas teias de tecidos de palavras que aqui vou trazendo não são dadas de antemão, não sei que forma tomarão pela própria incapacidade de usá-las, incapacidade mesma de escrever, de fiar uma grafia, em tecido e em tela. Não há uma consciência reinando a todo momento no bordado acerca de que palavras tomarão o tecido, que linhas e pontos serão explorados.

*[Ir sendo consumida e secretada pelo texto. Secretando e consumindo coisas que se fazem em escrita.]*



Texto quer dizer Tecido; mas, enquanto até aqui esse tecido foi sempre tomado por um produto, por um véu todo acabado, por trás do qual se mantém, mais ou menos oculto, o sentido (a verdade), nós acentuamos agora, no tecido, a idéia gerativa de o que o texto se faz, se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo; perdido neste tecido – nessa textura – o sujeito se desfaz nele, qual uma aranha que se dissolvesse ela mesma nas secreções construtivas de sua teia. Se gostássemos dos neologismos, poderíamos definir a teoria do texto como uma hifologia (hyphos é o tecido e a teia da aranha) (BARTHES, 2008, p. 74-75).

Glândulas, que secretam e expõem uma escrita, destroem e digerem um leitor possível, teia de relações que fazem morrer e nascer leitores-outros. Ser presa dessa teia que me cola, vacilante, insegura, entre leituras que ora me desprendem, na perda de um ‘si mesmo’, ora me agradam, confortam um eu gordo, lugar confortável. Uma *Hyphografia* derivante.

São pontos difusos do corpo: todo ele se torna um apanhado de glândulas, dispersas em suas funções de produzir substâncias, incorporais, suor, gotas de palavras, excrementos, espuma, vapores que decaem aqui em escrita, ou que procuram cair num trabalho de pensamento e escrita. O encontro com as aranhas e teias, entre tecidos impermanentes que diluem o leitor, tem produzido essa Fiandografia.

Existe uma função muito específica da seda, que funciona como **linha de reboque**: elas produzem continuamente uma linha de seda seca atrás delas, à medida que vagueiam, que saltam, que se atiram. A linha de reboque age como uma **linha de segurança**, visão comum de uma aranha suspensa no ar, pendurada após ser repelida de algum objeto, que resulta da contínua retenção de sua linha de reboque.

Aranhas *Errantes*, ditas também como *caçadoras*, perderam o hábito de construção de teias, constituindo as espécies que têm tipicamente pernas mais pesadas do que as construtoras de teias e que vagueiam capturando insetos encontrados, ao acaso, ou utilizando uma estratégia de tocaia: “a presa é detectada por estímulos visuais e táteis e, em algumas famílias [...], os olhos são bastante desenvolvidos e têm uma importância primária na captura da presa”

(RUPPERT; BARNES, 1996, p. 622). São as errantes que principalmente produzem a linha de reboque, algumas a usando para amarrar sua presa quando é capturada, correndo ao redor dela rapidamente.

Então procuro compor, estabelecer essas zonas de contágio, conjugando com aranhas errantes, entre linhas de reboque, ou de aranhas que tecem suas teias, de visão pouco aguçada, sensíveis a vibrações e estímulos na teia. Deleuze faz menção à teia da aranha em alguns de seus escritos: em *Proust e os Signos* e, com Guattari, em *O que é filosofia?*. No primeiro, estabelece a aranha como um animal corpo sem órgãos, que nada vê, nada percebe, nada se lembra. Animal movimentado por vibrações, leves, nas extremidades de sua teia, e que se propagam até seu corpo através de ondas e que, então, a faz saltar: “sem olhos, sem nariz, sem boca, a aranha responde unicamente aos signos e é atingida pelo menor signo que atravessa seu corpo como uma onda e a faz pular sobre a presa (DELEUZE, 2006, p. 173)”. Equipara a mesma operação à obra de Proust, a *Recherche*,<sup>3</sup> ela mesma construída como uma teia, sendo o narrador-aranha movimentado pelos signos, onde teia e aranha tornam-se uma mesma máquina:

o narrador pode ser dotado de uma extrema sensibilidade, de uma prodigiosa memória: ele não possui órgãos no sentido em que é privado de todo uso voluntário e organizado de suas faculdades. Em contrapartida, uma faculdade se exerce nele quando é coagida e forçada a fazê-lo; e o órgão correspondente vem situar-se nele, mas como um esboço intensivo despertado pelas ondas que lhe provocam o uso involuntário (DELEUZE, 2006, p. 172-173).

Esse corpo-teia-aranha referente ao narrador da *Recherche* é esse corpo-teia-aranha que é simultaneamente ativado e que funciona, produz, sob determinadas configurações e agenciamentos. A *Recherche*-teia é tecida por cada fio que é movimentado por determinados signos, que então lançam o narrador a construir outras linhas, linhas de fuga.

3- *A la recherche du temps perdu* (Em busca do tempo perdido): Deleuze defende que a obra é a própria busca de Proust, a *Recherche*, por alguma coisa, uma verdade, o que propriamente faz mover sua escrita. Busca que não se dá por um esforço de recordar e explorar a memória em busca desse algo, de escarafunchar lembranças, mas de construir o relato de um aprendizado pelos signos, essência de uma realidade escondida no inconsciente, produzida ao longo de sua vida. Ainda que a memória intervenha como um meio dessa busca, essa memória “só intervém como o meio de um aprendizado que a ultrapassa tanto para seus objetivos quanto por seus princípios. A *Recherche* é voltada para o futuro e não para o passado” (DELEUZE, 2006, p. 4).

[Nestes escritos, em alguns textos o corpo foi mais movimentado pela vibração da teia, ainda que se veja, ouça e lembre. Em outros, forcei o salto, saltei sem saber o que iria capturar, procurei tensões nos fios que não estavam tensionados. Nesse sentido é que o trabalho, e as escolhas que se fazem com ele, por vezes estão além e aquém de uma consciência (ORLANDI, 2014), na própria ignorância de caminhos que se fazem, de por qual motivo certas coisas promovem a escrita e quais leituras são definidas, quando estamos no jogo de afetar e de estarmos atentos ao que nos afeta na experiência de ler e escrever.]

Vou me utilizando de Deleuze e Guattari, e de Jacob von Uexküll (1982), biólogo estoniano-alemão muito utilizado pelos autores franceses em livros como *Mil Platôs* (1997), *O que é Filosofia?* (1992) e *Espinosa: Filosofia Prática*, de Deleuze (2002). Uexküll criou a teoria da composição musical da Natureza, a partir da noção de contraponto na composição de uma música, que parte do princípio de que são necessários, pelo menos, dois sons para formar uma harmonia.

Na composição de um dueto, as duas partes que se devem fundir numa harmonia são compostas nota por nota, ponto por ponto, uma para a outra. Nisso se baseia a teoria do contraponto, na música. Em todos os exemplos extraídos da Natureza temos, igualmente, de procurar dois factores que, juntos, constituam uma unidade. Portanto, partimos sempre de um sujeito, situado no seu mundo-próprio e examinamos as suas relações harmónicas com os objectos particulares que, como objectos significantes, convergem no sujeito (UEXKÜLL, 1982, p. 181).

E como seria uma composição musical, a partir de uma ‘partitura’ da Natureza, e suas relações de contrapontos? Continuo a citar Uexküll que, de uma forma quase literária, traduz o que para ele já era afirmado como familiar nas suas leituras das partituras da Natureza:

O ramo de flores que a rapariga ofereceu ao namorado era agora usado por este como adorno e o pedúnculo da flor veio assim a entrar num dueto de amor. A formiga que utilizava o pedúnculo como passagem, corria ao longo dele, até ao ovário da flor e aí mungia as suas ‘vacas leiteiras’ — os pulgões. Quanto à vaca, essa

transformava, finalmente, em leite o pasto de que o pedúnculo fazia parte. A larva da *aphrophora* crescia no seu abrigo, feito do suco que o pedúnculo lhe tinha fornecido e em breve enchia o prado com o seu doce canto de amor. Outros mundos-próprios se vieram juntar a estes. As abelhas, que estavam associadas, em contraponto, com o aroma, a cor e a forma das flores, acorriam a elas e, depois de se terem saciado de néctar, comunicavam às companheiras a nova fonte descoberta, por meio de danças impressionantes, [...]. Na verdade, a cor das flores não é, para as abelhas, a mesma que é para nós; serve-lhes, no entanto, de certa característica, pois a flor e a abelha estão compostas uma para a outra em contraponto (UEXKÜLL, 1982, p. 198-199).

Diferentes significados possíveis de um mesmo objeto – talo da flor – para diferentes mundos próprios. O que Uexküll faz é trazer a ideia que a Natureza é completamente livre na escolha dos animais que pretende ligar em contraponto, tal como ao compositor de uma sinfonia não são postos limites na escolha de instrumentos. Aplica a comparação musical ao campo biológico, extendendo o conceito de som, do simples som audível, a um ‘tom’ ou ‘teor’ significante dos objetos que aparecem como portadores de significado no mundo próprio de cada ente. Em lugar da harmonia, na partitura musical, “intervém o significado, na partitura da Natureza, que serve de elo de ligação, ou melhor, de ponte, para ligar dois factores naturais” (UEXKÜLL, 1982, p. 202).

E o que nos interessaria sobre a composição de partituras para a relação aranha-mosca? A aranha, neste caso, constrói sua teia sem ter encontrado qualquer mosca. Ela apresenta o desenho de um modelo de mosca que não existe em parte nenhuma. O que Uexküll explica é que existe uma partitura inicial para a mosca, tal como existe uma partitura inicial para aranha. “Ora eu afirmo que a partitura inicial da mosca (que também podemos designar por protótipo) atua na partitura inicial da aranha, de modo que a teia tecida por esta resulta numa teia ‘própria para capturar moscas’” (UEXKÜLL, 1982, p. 166).

Há aí uma relação de contraponto na relação aranha-mosca. A aranha apresenta em seu aparato codificatório um ‘motivo’ de mosca, ou seja, diríamos que a aranha tem uma ‘mosca na cabeça’, onde a teia de aranha implica no código desse animal sequências do próprio código da mosca (DELEUZE; GUATTARI, 1997), como um impulso interno e funções que mobilizam a aranha em seu território. É como dizer que há qualquer coisa de mosca, na aranha.

Concepção de Natureza “melódica, polifônica, contrapontual”, em que a teia de uma aranha contém “um retrato muito sutil da mosca” que lhe serve de contraponto. Certa arquitetura cega que estabelece uma relação com posturas, movimentos, traços da mosca, “interceptando o trajeto” de um animal sem território, “formando junções interespecíficas” com ela (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 239). Um jogo de intermodulações, jogo entre espécies, de transitar por territórios e se transformar nesse jogo: “Essas relações de contraponto juntam planos, formam compostos de sensações, blocos, e determinam devires” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 239).

Devir-mosca da aranha. Os mundos perceptivos de mosca e aranha nos servem para pensar a percepção entre mundos heterogêneos. Esses mundos perceptivos não se comunicam em absoluto mas estão tão perfeitamente em acordo, como uma partitura musical. Ainda que a aranha não possa perceber objetivamente o espaço de uma mosca, ela pode entrar em relação em um ponto de contato com esta, através de sua marca territorial, a teia (CANGI, 2008).

Del mismo modo entre garrapata y el mamífero. La Naturaleza revela una ceguera entre especies y sin embargo, acentúa una composición por afección que incrementa la potencia de funcionamiento entre éstas. De este modo, se es afectado por el mundo en función de lo que se es capaz y se percibe en función de las acciones que se pueden realizar (CANGI, 2008, p. 93-94).

Trata-se, assim, de ir fazendo pegadas numa pesquisa nas tentativas de encontrar o outro ao nível molecular, por um contágio vibratório, na contiguidade de uma relação entre heterogêneos. Esse contágio implica uma proporção de movimento e de repouso, na zona de proximidade que se estabelece entre dois ao experimentar uma maneira de ser, pensar e sentir, sem deixar de ser o que se é. “O rato que se torna pensamento no homem, e o homem que se torna rato, animal que mostra os dentes e agoniza” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 44). Experimentações do grau de potência de um animal, suas velocidades e lentidões, “un diagrama de movimientos y relaciones más que un conjunto de caracteres” (CANGI, 2008, p. 97).

Construir relações não dadas, inventar relações com interlocutores diversos, “as massas, o leitor, os Estados, o Oceano...” (DELEUZE, 1997, p. 70), ao modo como faz a literatura de Walt Whitman. Contrapontos, algo que sempre

renova, inventa relações, estabelece a Natureza mesma – e um texto - não como forma, mas como constantes processos de co-relações: “a Natureza é inseparável de todos os processos de comensalidade, convivialidade, que não são dados preexistentes, porém se elaboram entre viventes heterogêneos de modo a criar um tecido de relações moventes que fazem com que a melodia de uma parte intervenha como motivo na melodia de uma outra (a abelha e a flor)” (DELEUZE, 1997, p. 71). Ter certa liberdade de atentar e intervir nessas construções e de poder experimentar relações de contraponto com outros seres, sem saber como isso se dá. Sempre ao modo de fazer uma alusão a esses campos conceituais e teóricos, não para explicá-los tampouco determiná-los, mas para experimentá-los enquanto um modo de produzir uma pesquisa, de ‘juntar muitas coisas’ para, quem sabe, pensar leituras, escritas, educação.

Perceber o mundo de relação da aranha e a teia. O que é a teia para a aranha? O que é a presa para aranha? O que é a aranha para a presa? Isso tudo parece ser sobre o que estamos em vias de nos tornarmos, o que essa aranhiza desde então vem se tornando em mim. Mais fiandeiras, pelos urticantes e quelíceras ágeis e seus saltos que têm me perseguido? Mais cores, lentidões, paralisias, pontos e alturas de teias, pequenos deslocamentos, dias sem alimento? Menos o que vem desenhando e capturando, a cada pulo postural, ordenado para cada tipo de vibração?

Aranhas tecelões permanecem dias em pontas ou centros de arquiteturas de teias, movimentadas unicamente pela vibração; as errantes vagueiam em busca de alimentos em forma de tocaia, ou colocam-se ao acaso de presas que possam passar por elas (e que, quando as capturam, possuem o hábito de enrolar, enfaixar a presa antes ou depois de picá-la), tanto para imobilizá-la quanto para fixá-la a um lugar mais elevado da vegetação em que a aranha constrói sua teia: há sempre uma conjugação de territórios e movimento de desterritorialização.

Apelos, arrancagens, precipitações, viagens, espera e reserva, abatimento, desengates, morte, vida. Cores, posturas, teias de uma aranha ‘respondem’ a outras cores, posturas, gestos, velocidades de variadas espécies, num jogo de heterogêneos que se cruzam. Blocos de devir.

Um devir-animal, um devir-mulher, devir-criança não representa nenhuma dessas imagens, mas a realidade desses devires como a afecção em si mesma (DELEUZE; GUATTARI, 1992). Não se encontra alguém ou algo nessas figuras, mas agenciamentos, contágios, capacidade de afetar-se para que partículas possam entrar em novas relações, de onde decorrem o devir. Os entremeios deste trabalho exploram-se uns aos outros, no desejo de ser outra coisa. Desejo de um corpo que não se defina numa forma, por uma substância determinada, por órgãos, estruturas, ou funções. Talvez pelo grito cansado de paralisia de pontos atados, de imagens decalcadas de um ser eficiente, de atributos de um 'ser' algo identificatório, reprimido na imagem, planejado nos buracos fechados de um sujeito melhorado, na busca do mais do mesmo.

Não trago a semelhança da aranha para que se faça como uma aranha. Se agito e ponho 'as coisas todas juntas', pinçando em textos de zoologia e filosóficos e literários, talvez seja porque nos meios, entre uns e outros, é que se vai estabelecendo relações de contraponto, num objeto de poética, de pensamento. Esses seres abjetos de medo e repulsa têm desorganizado os tecidos usados de uma vida e, feito costurar, sob condições incertas, outras instâncias do pensar.

### **E o tecido?**

O que pode esse tecido e esse bordado? Um espaço que se cria, uma relação de espaço e de tempo que se busca criar na pesquisa para que algo se passe. Perceber que esse momento de bordar é de, passivamente, esperar que algo se passe na relação com as linhas, com as cores, com o tipo de ponto que escolho, que algo faça vibrar a teia enquanto se fianda. Quando eu crio esses tempos e espaços para bordar, quero entrar em relação com esse tecido, com as lãs, com o que penso, e escrevo (escrevendo em mim o texto que outrora tenha lido, com as coisas que disse, com a conversa que se teve em espaços diversos, e que acabam se tornando escrita).

Bagunçar uma trama-tecido, passível e aberta: outros que coexistem com ela, têm a ela acesso e fiandam comigo as substâncias que lhe são constitutivas: palavras, sons, escritos, gestos, cores, silêncios. O fiandar me põe num por vir ininterrupto e imprevisível, ao gosto de não se prever a forma que esse tecido que resiste e insiste no tempo, tomará.

Experimentar um tecer de linhas, que procura escapar de um comunicar: o processo de escrita é a própria experimentação, permeada por um fazer corpo dessas linhas de escrita, linhas da vida. Um fiandar que persiste em meio à docência, como resistir nos espaços e discursos que nos adoecem. Uma cura, um fiandar infinito.

Tomar agulha nas mãos, em fiadeiras que brotam e renascem depois de tantos anos: os dedos crescem por papeis, tela, tecido, livros. Ser tomada pelo movimento de sentir o tecido e as linhas que se entrelaçam, tateando o espaço, inventando forças que caem em alguma palavra. Não pelo sagrado do letramento e do emendo de algumas delas, mas de um fazer que pode lançar a outros movimentos e fluxos de pensamento. Quanto escuto e silêncio em presença ou ausência de outros? Ser povoada das constituições infinitas de linhas que nos configuram e desconfiguram.

Ir compondo com todos esses elementos uma melodia, entrando num agenciamento com eles. Então, o bordado vai produzindo o trabalho, vai movimentando a escrita e o pensar a partir desses encontros. É um modo de me colocar mesmo nessa pesquisa, modo de que se cria nesses intervalos, esses espaços, esses vazios, para pensar sobre leituras e escritas, pensar no que acontece agora, aqui, na vida, no entorno.

É muito interessante que, quando a gente cria esse ‘estar à espreita’ do que pode passar, coisas se dão (coisas que até então não existiam, passam a existir), se pensam e se produzem e se realizam em nós, nessa relação com o tecido e linhas, com esse corpo-pensamento que aí se instala e se produz.

Nas instâncias dessa escrita, blocos e experimentações, há algo de uma vida individual, tomada por lembranças, mas também pelo desejo de esquecimento, de diluição do sujeito, da instalação de uma política do impessoal, assustada pelas próprias leituras, pelo plano conceitual dos autores que utilizo como vozes, pela vida que nos toma.

Fiando com linhas produzidas na leitura de alguns escritos de Mia Couto, com as crianças ou figura-mulher de algumas obras do autor, que não intentam em escrever sobre uma infância, mulher, animal, coisas e seres, mas de “contar a



experiência” do encontro, ou do “reencontro” com uma mulher, um animal, uma infância, com qualquer coisa (LARROSA, 2014, p. 152) a partir e com a leitura desse autor.

Contudo, esta pesquisa procura também, na operação de uma Fiandografia, deglutir autores, essas “pedras da sorte” que nos servem como “pretextos para a experimentação” (LARROSA, 2005, p. 77). Apresenta, assim, blocos de escrita, tratando do encontro que tenho, “o devir, o roubo, as núpcias” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 17) que se estabelece com ideias, seres, acontecimentos, e disparam a escrever. Estes escritos estão, muitas vezes, em modos de soarem como opiniões, ainda que se desejasse fugir disso. Se caem em clichês e mostram contradições, no entanto, tenho optado em não escondê-los. Denominei-os Saltos e Re-saltos, em alusão aos saltos de uma aranha, e fazem parte desses escritos esparsos, tecidos junto às leituras do doutorado ou mesmo de outros escritos, conversas, escutas.

Estes Saltos e Re-Saltos aqui vão procurando se constituir como possibilidade do pensar. Salto como região essencial da liberdade. A liberdade concebida como algo com que entramos em relação, e não algo que podemos ter ou possuir, não algo de que possamos nos apropriar. Essa região a qual somente acessamos ou entramos em relação e como “o que só pode aparecer quando suspendemos nossa vontade de poder” (LARROSA, 2004, p. 224).

Larrosa, transcriando Heidegger, traz a noção de salto como esse no qual precisamos nos colocar, para perceber a região da liberdade. Liberdade que não se trataria como algo que possuímos ou como qualidade de um sujeito, vontade livre e livre arbítrio do mesmo, mas que permanece em reserva numa região ou espaço que só se pode experimentar desde o lugar de um salto: “A partir do lugar do salto, a liberdade aparece como o que reside no espaço do não-fundado. E, além disso, esse espaço nomeia-se mas não se determina ou, melhor dizendo, nomeia-se in-de-terminando-o no gesto mesmo de deixá-lo sem terminar e sem de-terminar, no gesto de deixá-lo in-de-terminado, isso é, aberto e livre” (LARROSA, 2004, p. 225).

Na relação com a carência de um fundo ou fundamento, num salto que soa como um distanciamento, talvez experimentamos uma relação com a liberdade: “na experiência de um ser que não pode dar nada por fundado, nem seu

saber, nem seu poder, nem sua vontade, nem sequer a si mesmo, e que justamente por isso salta fora de tudo que o mantém seguro e assegurado, dono de si, idêntico a si mesmo” (LARROSA, 2004, p. 226). Por isso, salta-se, ou procura-se saltar.

Acessar essa região do salto como espaço do não-fundado e relação com a liberdade e possibilidade do pensar, desse salto que se instala como um modo de escrever, que opera a tentativa – talvez frustrada – de que não sejamos mais nós mesmos, que não se possa mais dizer ‘eu’ numa pesquisa. “Transformação assustadora” (BLANCHOT, 2005, p. 305) e, portanto, não menos difícil.

Saltos como linhas de reboque, linhas-engatadas-arrastadas, fixadas sem um plano ou fluxo ordenado, produtoras de vazios e espaçamentos no tempo. São escritos e imagens que vão espaçando a pesquisa, em meio à leitura de livros literários e/ou filosóficos, não havendo uma necessária articulação entre estas linguagens. Também não retomo temas nem conceitos, assim como os próprios blocos não apresentam relação com acontecimentos diários e ‘reais’.

Fiandar-grafias, junto às costuras de textos, às imagens que vão cruzando e ajudando a potencializar esse tear de fios, traz um pouco dessa artesanagem da vida, daquilo que nos torna tudo ao mesmo tempo em educação. Fiandar trata um pouco disso, e de outras instâncias que ainda (e sempre) não se atingem.

Fiandografia. *A que(m) se destinam estes fios?*<sup>4</sup>

4 – Há escritos da autora, ao longo dos próximos textos, que se misturam às vozes de alguns autores, tais como de Mia Couto, Silvio Ferraz e Le Clézio. As vozes destes autores, em específico, são diferenciadas pela fonte *Gabriola*.

## Das Fiandagens.

*Linhas de fios mais grossas, experimentava a lã. A ponta e comprimento da agulha são mais grossas, diferentes das ditas de bordados, crochês. Iniciou um ponto, o corrente – que dizia como mais bonito, mas era a único que sabia fazer – e começou a bordar uma palavra que não sabia ainda qual formaria. Faz um ‘d’, definiu que escreveria ‘dizer’. A linha se rompe. A lã, dada a não ser constituída de um fio, deseja novamente se juntar a outro. Terminou o ponto, acrescentou mais duas linhas, reiniciava o ‘i’.*

*Traçar fios de linhas sem aviso prévio, sem imagem dada ao tecido preto que a guiasse.*

*- Não fica bonito, nem legível, pensava.*

*- Não haverá espaço para a volta do ‘d’... (se eu não tivesse escrito emendado).*

*Tem preguiça de cortar e voltar ao ‘z’. Faz então um ‘n’.*

*Mas não fechava palavras. Diná? Dinda? Não queria bordar essas.*

*- Forma uma palavra pra mim?*

*- Dinda, diz a mãe.*

*- Não, nada a ver ‘dinda’, respondeu.*

*- Diná. Dinossauro. Daí desenha o dinossauro.*

*- Dã! Não! Nada a ver.*

*- Dinâmico, grita o véio.*

*- Dinâmico! Isso, dinâmico é uma boa palavra, tem sentido!*

*(Céus, ela disse isso?)*

*- Não pode ser qualquer palavra.*

*- Por quê?*





## ***Mariammar.***

Escorrer pelos vãos da noite para cheirar presas de sangue quente. Transito pelos seres num movimento de observação de onde piso, do que cheiro, do que não aprendi. Impulsões. Me aninho, lambo fêmeas, machos, crias, e transpiro desertos onde, solitariamente, apenas me encontro com o subterfúgio do tempo, que não passa, que agride. E me amorteço no esquecimento, me entrego a ele e me diluo na raiva aceita de não querer ser o que dizem que sou. Visto peles, invento notícias, mordo minha própria matéria.

Feitiçaria. Jogo. Segredos. Abandono de categorias. Transar em territórios e caminhos que não são os seus. Desaprender linguagens. Inventar línguas, jeitos, relações. Gozar a demência de sentir-se em corpo sem utilidade, impercepções, não-sentidos, dados sem nome. Nossas bordas e bordamentos que nos ferram, nos contradizem, e não nos explicam.

Correr em velocidade de perder cabelos. Perder pele de que foi vestida, seus órgãos começam a desintegrar-se, estendem-se e transformam-se em alguma coisa que aumenta sua velocidade. Começar a sentir a dor do vento. Seus olhos derretem em água e vai se transformando em uma massa informe, que ainda corre. Continua aumentando a velocidade, já sem pernas, mãos, partes do que chamava como sendo seu. Ossos brilham, e cegam. Continua correndo. Constitui-se em algo que em seguida se perde em movimento. Se veste em cores, cheiros, intensidade, pelos, verte agonia. Retarda, para, e a massa aumenta e diminui em volume com a respiração ofegante. Vai se acalmando, deita em grama seca, olha repentinamente para um corpo agora entremeios e sente as garras expandirem o cansaço. Ouve distâncias e acorda. Lambe feridas. Lentamente, sente entardecer em lugar desconhecido da lembrança de ser gente. Bate no chão com força e escorre em seu choro de animal agonizado. Gira a cabeça em velocidades infinitas e sonha em ser um pano vermelho que se perde na sala escura, que não desce, se mantém flutuando. Só consegue girar, torcer as partes que se juntam do corpo, desmembrá-las, quebrá-las em pedaços, cuspir em cima, sentar elefante em cima delas, até virarem pó.

[Quer ser pesada e depois ficar leve. Babar em suas próprias lágrimas e esquecer. Girar de novo, gira, gira, sobe, sobe alto. Braços se estendem, circulam giratórias, pendulam, riscam o ar. Então dilata, comprime, soergue, para. E finge olhar que enxerga, mas não tem nada, não vê nada. Nada. Força de sopros soltos e quentes que tombam no chão. Imensa.]

*Confesso agora o que devia ter anunciado logo de início: eu nunca nasci. Ou melhor: nasci morta. Ainda hoje a minha mãe aguarda pelo meu choro natal. Só as mulheres sabem quanto se morre e nasce no momento do parto. Porque não são dois corpos que se separam: é o dilacerar de um único corpo, de um corpo que queria guardar duas vidas. Não é a dor física que, naquele momento, mais aflige a mulher. É uma outra dor. É uma parte de si que se desprende, o rasgar de uma estrada que, aos poucos, nos devora os filhos, um por um.*

*É por isso que não há maior sofrimento que dar à luz um corpo sem vida. Nos braços da minha mãe depositaram essa criatura inanimada e retiraram-se todos do quarto. Dizem que ela cantou para me embalar, desfiando a mesma ladainha com que celebrara os anteriores partos. Horas depois, meu pai tomou nos braços o meu corpo sem peso e disse:*

*- Vamos deitá-la na margem do rio.*

*Na berma da água se enterram os que não tem nome. Ali me deixaram, para que me lembrasse sempre de que nunca nasci. A terra húmida me abraçou com o carinho que a minha mãe me dedicara nos seus vencidos braços. Desse escuro regaço guardo memória e, confesso, tenho a mesma saudade que se tem de uma longínqua avó.*

*No dia seguinte, porém, repararam que a terra se revolia na minha recente campá. Um bicho subterrâneo tomava conta dos meus restos? Meu pai munuiu-se de catana para se defender da criatura que emergia do chão. Não chegou a usar a arma. Uma pequena perna ascendeu do pó e rodopiou como um mastro cego. Depois apareceram as costelas, os ombros, a cabeça. Eu estava nascendo. O mesmo estremecer convulso, o mesmo desamparado grito dos recém-nascidos. Eu estava sendo parida do ventre de onde nascem as pedras, os montes e os rios. Dizem que a minha mãe, naquele momento, envelheceu tudo quanto havia de envelhecer. Ser velho é esperar doenças. Naquele instante, Hanifa Assulua era toda ela uma enfermidade. Meu pai espreitou o rosto grave de minha mãe e inquiriu:*

*-Sou pai de toupeira, eu?*

*Foi então que uma luz estranha pousou sobre o meu pequeno rosto. E viu-se, naquele momento, como eram fundos como o remanso das águas do rio. Os presentes contemplavam o meu rosto e não suportavam o incêndio do meu olhar. Meu velho, receoso, titubeava:*

*- Os olhos dela, esses olhos..*

*Uma suspeita foi despontando em todos: eu era uma pessoa não humana. Ninguém ousou falar. Não demorou, porém, que a minha mãe desse conta: havia nos meus olhos claros a translucência de uma outra, afastada da alma. Ela se perguntava, em solitário pranto, a razão de meus olhos serem assim amarelos, quase solares. Alguma vez se vira tais olhos em pessoa negra? Talvez os meus olhos tivessem ficado luminosos de tanto*

*procurar nos sombrios subterrâneos.*

*As trevas, dizem, são o reino dos mortos. Não é verdade. Tal como a luz, o escuro só existe para os vivos. Onde os mortos habitam é no crepúsculo, nessa fresta entre dia e noite, onde tempo em si mesmo se enrosca [...] Na realidade, foi o escuro que me revelou o que sempre fui: uma leoa. É isso que sou: uma leoa em corpo de pessoa. A minha forma era de gente, mas a minha vida seria uma lenta metamorfose: a perna convertendo-se em pata, a unha em garra, o cabelo em juba, o queixo em mandíbula. Essa transmutação demorou todo este tempo. Podia ter sido mais célere. Mas eu estava amarrada ao meu princípio. E tive uma mãe que cantou só para mim. Esse embalo deu sombra à minha infância e fez demorar o animal que havia em mim.*

*Aos poucos, porém, algo foi mudando em nossa casa. A exemplo do que fazem as leoas, eu fui sendo deixada à minha sorte. Aos poucos, Hanifa Assulua me abandonou, sem culpa, sem palavra de conforto. Como se ela tivesse entendido que apenas acidentalmente eu tinha ocupado o seu ventre e morado na sua vida.*

*(COUTO, em A confissão da leoa, 2012, p. 233-236)*

*Eu sou a leoa que resta. É es  
ce, Arcanjo Baleiro.*

*Por que me conta isto, Dona Hanifa*

*Esta é a minha confissão. Esta é a*

*vir em suas mãos.*

Quem lê deixa de lado aquilo que já está traçado de antemão, carrega seu corpo com palavras que ainda não disse e morde o cheiro da terra, aproxima-se mais do que imprudentemente da morte e sorri porque é dia em plena noite, porque chove sem nuvens, caminha sem ruas, ama o que nunca foi amado, acompanha o desterrado ao seu exílio e se despede sem mais nem menos, de tudo o que não havia lido ainda (SKLIAR, 2014, p. 71).

Mariamar luzente. Os gritos de uma vida, o que ainda resiste, e que perdura pelos anos, arrastada pelo desejo de ser outra coisa. Uma mulher sem lugar sem dono, de silêncios, demoras e insistências. Deixar de andar ou nunca ter aprendido para esquecer que um dia nasceu mulher. Escutar sem presença, voz que não se faz. Existir sem nascer, ou nascer morto. Dançar como fuga, cair em rio, dar-se nome de rio, mar, que insiste em vida para aprender a amar. Mar. Amar. Mariamar.

*“Sempre que me assomam raivas, os meus olhos se clareiam, incandescentes”* (COUTO, 2012, p. 25). Saída das sombras, da posição subalterna, a desobediência do inviolável eu de filha-mulher sob as leis dos homens, uma potência que faz vacilar os códigos, a moral, os valores. “Quem não conheceu a violência dessas sequências animais, que o arrancam da humanidade, mesmo que por um instante, e fazem-no esgaravatar seu pão como um roedor ou lhe dão os olhos amarelos de um felino?” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 21).

Paralísias, clausuras que eclodem do desejo de devorar outros. Sob mãos que violentavam Mariamar e mais duas irmãs, ela viajava em se converter em criatura-outra, inacessível, inexistente. Louca e concebida como morta: para ser morto ausente é preciso ser louco: *“na insanidade mental eu estava visível, mas fechada; doente, mas sem ferida; magoada, mas sem dor”* (COUTO, 2012, p. 189).

Aprender a escrever com personagem que, outrora resignada em ser presa por sua carne, aviva-se a formar algo que perde sua forma original para se tornar outra coisa. E em território Kulumani, a emboscada de leões que atacavam a



aldeia tem como alvo as mulheres. Uma mulher torna-se leoa para 'devorar' outras mulheres? Leões que deixam de ser leões ao devorarem mulheres? Mulheres que sempre estiveram mortas, devoradas em sua própria multiplicidade negada, *"não falavam, não pensavam, não amavam, não sonhavam"* (COUTO, 2012, p. 240). Devorados, também devoramos. Correr com não verdades de uma literatura, com irrealidades tornadas corpo, vivas em algum lugar de quem lê.

Sempre demasiado e pouco ler Mariamar, sem ser Mariamar, nem conjugar semelhanças: ela é postura gatinhosa, junto ao chão, perto dos cheiros; é perder habilidade de falar, deitar junto a uma leoa morta, um estado de loucura ensaiada, a inércia diante da dor, liberdade à doença da consciência, mãos que matam e que dão vida. E desejo de mar.

Ensina sobre o vivo, em traçar com as mãos as possibilidades de decifrá-la sempre em outro lugar, em outro trajeto ou jeito, com qualquer coisa que ela movimente perto de si mesma e que coloque algo ou alguém em disparos de serem diferentes do que vem sendo: nada com duração fixa. Mariamar que pode ser qualquer um de nós.

Nunca se alcançar Mariamar, e ela sempre me tem outra.

estar em  
meio-tempo  
nas coisas, entre



## *Passante.*

Ela passa pelas casas, anda com pressa, pedindo alguma coisa, caso encontre alguém saindo, entrando. Ela pede sem cobrar. Ela só pede, conversa, fala.

Quase involuntário é o sorriso sem dentes. É toda ela uma boca. Com pressa, sempre. Seus ombros pendem para frente, seus seios pesam junto dela. Chinelos de dedo, os braços acompanham o passo apressado, havaianas branco-azul encardidos.

Passo por ela nas idas que faço ao mercado, quando assim não a vejo pedir. Ela só anda, vai pra algum lugar (ou lugar algum)... uma pressa paciente, por vezes mexendo em algum lixo que passa. Tenho vontade de falar com ela, ou mesmo riria com ela, mas seus olhos nunca cruzam os meus (e minha covardia é maior que o seu passo apressado).

Em segundos, não leio o seu corpo. Não alcanço imagem da velocidade de coisas que ele me diz. Mas ele me diz tanta coisa. Avalanche de sentidos.

Andando a minha frente num final de tarde, na mesma ida rotineira que faço ao mercado, ela parou (única vez que vi ela parar repentinamente). Uma mulher que vinha tentava arrumar sua sacola de mercado. Com suas duas mãos cheias, tinha dificuldade em colocar a garrafa de água solta, dentro de uma das sacolas.

Riso sem dentes para, ajuda a abrir a sacola e acomoda a garrafa dentro. A outra: acompanhei sua surpresa ao olhar para Ela. Ser vista... e ser vista por Ela? Ser pega assim, no íntimo de um movimento que talvez não fosse pra ser visto por ninguém e, ainda... por Ela?

Justo ela, dos seres invisíveis que enxerga.

A outra, agradeceu. Ela rindo, balançou a cabeça afirmativamente, sem mirar com demora o rosto da mulher, e seguiu o caminho que fazia, dançando como dança todo o resto de seu corpo.

Continuei andando atrás dela, riso sem dentes.



Escreve-se lendo, sobre uma mesa cheia de livros. E entre ler e escrever, às vezes, acontece algo, acontece algo conosco. Talvez isso que chamamos de “pensar” seja a experiência desse “entre” (LARROSA, 2014, p. 139).

### **Por que escreves?**

- *Porque preciso dar sons pros gritos que não quero ouvir...*

- *Mas, e ouves, quando escreves?*

- *Ouço . Ouço os que gritam dentro de mim, que não pertencem a mim.*

- *Me explica melhor.*

- *Não é um eu que me traduz. Sou feito de tantas coisas que digo ser minhas. Você também. As crenças e sonhos que carrego não são meus. São parte, somente parte, de algo que está aquém e além de mim. Então escrevo para que essas coisas vazem, para que as palavras soergam essas coisas que não são minhas. Porque, à medida que escrevo, surge o modo como ando pelo mundo e aquilo que ainda não me tornei e que, com a escrita, me torno.*

- *Difícil de entender...*

- *Talvez, mas não tanto. Já tentou escrever? Escrever para além de falar de você, mas de procurar deixar vir as palavras? Elas vão tomando conta e, de repente, tomam o espaço, algo para além de memórias e lembranças, de confissões. Nos sentimos, por saber que não somos isso tudo que foi pro papel, somos mais, somos muitos outros que ainda não descobrimos de nós mesmos, que vão tão além das histórias que temos para contar. Minhas mãos tremem quando escrevo... Continuou.*

- *Hoje me sinto um tanto deslocado. Acho que triste, não sei. Meu coração está mais acelerado, palpita, 'pá pá pá, rapidão'. E aí? Aí escrevo, pra deixar que essas batidas se coloquem em verbos, sintaxes, jogos de palavras que tocam sem saber por que, nem por onde. Não quero entender, quero vazar, quero deixar que as coisas tenham outros sentidos, sem interpretações. E aí já sou outra coisa depois que escrevo. As palavras, histórias, nunca foram minhas e, se foram, já não*

são mais, depois que se escreve. Sou tomado pelo dia lá fora que hoje esconde o sol. E fico querendo estar na rua, mais do que aqui, mas não posso. Então escrevo. Alivia? Alivia, por instantes, porque somos tão caóticos, tão absurdamente explosivos... Acho que meu desejo é de compor em dança das palavras essa batida latente, sempre ritmada, do que acreditamos ser. Há desentendimentos de mim em cada coisa que se move, em cada coisa que dorme lá fora. E não saberia te explicar, por mais que me perguntes o que isso 'quer dizer'. Não sei, não sei mesmo. Apenas sigo essa latência e sei que jamais me tornarei a leveza de que pedem, porque não me basto, não tenho lugar algum para chegar. E gosto desse insólito desejo de me deter no momento que duro, na incerteza plena de um único sentido que querem dar pro mundo. Viver é discorrer sobre qualquer coisa, menos que sentido tem essa vida. É pra deixar... deixar escorrer as descoincidências, os acasos, as transitoriedades da vida, deixar ela ser qualquer coisa...

- Acho que entendo um pouco, agora... foi quando me perdi no medo de ficar sozinho. Estava pensando no que seria se permanecesse na solidão, na incompreensão do outro quanto ao que eu sinto, em não poder me explicar. No medo da minha palavra não ser escutada. E já aí estava tudo, não é? Senti que não precisava me explicar, e então parei de culpar qualquer um por minha existência, por minhas faltas ou excessos de palavras, de gestos. Eu era a única e repleta certeza da vida se fazendo. Era eu o responsável pelo agora, e certo de que nada poderia ser diferente do que era. Não é isso?! Acho que senti... acho que aprendi sobre esse tempo... e sobre a vida que quero ter.

Olham-se...

- Sente-melhor agora?

- Nem um pouco.



## ***Escritos fundidos.***

Conversas sobre leituras. Houve um momento em que conversava com meu pai sobre o que os livros suscitam em nós, o que nos movem a sentir, pensar. Ele comenta comigo, certa vez, de um ‘esforço’ que ele teve de fazer, nos últimos anos da sua vida, para deixar de ser quem ele era. Que a memória não era algo cujo lugar ele gostava de acessar, ainda que fosse tomado pelo involuntário das lembranças. Quando ele disse isso, comentei que, se quisesse, escrevesse essas sensações que comentara comigo e que o livro lhe provocava (na época, ele estava lendo Um Rio chamado tempo, Uma casa chamada terra, do Mia). Algumas semanas depois, ele me entrega, em papéis pequenos de anotações, estes escritos, dizendo-me para que lesse depois. Há coisas que nunca saberemos das pessoas. Guardei a generosidade do seu gesto e confiança, perguntando-lhe sobre usá-los no trabalho. – *Tudo bem*, me respondeu.

Trago seus escritos, transcritos, intitulado *Caminhos errantes e incertos*, enquanto permaneço ouvindo e caminhando ao seu lado.

*O caçador lança-fogo no capim por onde vai caminhando. Eu faço o mesmo com o passado. O tempo para trás eu o vou matando. Não quero isto atrás de mim.*  
(Mia Couto)

*Tornei-me uma pessoa às vezes sem muitas raízes, poucas lembranças do passado, sem tradições, com certezas mutantes, com olhares para o presente. Preciso quase sempre re-voltar às memórias vividas para ir adiante ou retroceder.*

*Provavelmente, o principal deslocamento da infância foi aos 11 anos. Fui para um internato de meninos, seminário de preparação para padres, distante 200 km de onde nasci. Pulei de uma vida livre, rural, protegida, para um círculo-circuito de tempos e espaços medidos, controlados, confinados, desde o amanhecer até o adormecer com uma centralidade espiritual-religiosa. Foram os 15 anos de rotina, repetição de regras, tarefas, estudos, formação, controle, disciplina, castigos,*



resistências, fugas, tentativas de romper. Castigos morais, psicológicos, de culpa, mas que doíam no corpo.

A vida, o corpo resistia e sorria nas horas de jogos, nas caminhadas incansáveis descobrindo vales, cascatas e montanhas. Um dia a cada dois meses. Quinzenalmente cinema: um irmão (Ademar) palotino aficionado por cinema projetava filmes 16mm. Marcelino Pão e Vinho, Sissi Imperatriz, Noviça Rebelde. Ganhei um violão, e nas horas de recreio ensaiava cantos. Fui selecionado para o coral e o teatro. Revivia, resistia nestes tempos e espaços para não mergulhar no choro, e prostração, como vários colegas meus.

Os arranjos e dispositivos afetivos religiosos da família e do internato, constituíram fortes marcas em minha vontade, desejos e no corpo. Sentia-me predestinado, formatado para a vida religiosa. Foram precisos outras forças internas e externas para romper aqueles fluxos e reterritorialidades já quase fixos e imóveis. No encontro com grupos de pessoas, movimentos, pequenos rompimentos internos à comunidade religiosa, graduação em filosofia, liberdade de ir e vir, conviver com diversidade de pessoas, leitura, teatro, o amor. Fluidos, consistências e rizomas foram desfazendo o estado das coisas. Morri. Fui agressivo comigo mesmo. Sofri dores de nascimento, renasci novamente. Não sabia que existiam outros eus dentro de mim, vivos e mortos convivendo em meus sonhos e devaneios (tocado pela leitura de Um rio chamado Tempo). Muita angústia ao perceber-me submisso, obediente, amedrontado, diante de novas situações que exigiam enfrentamento, discordância, ação. Enfrentar o conflito, o discurso interno e externo; fiz-me silencioso, observador sem dilacerar-me, sem desesperar.

Em meio a vozes dissonantes, conflitivas, vivo, aprendo a esperar a-guardar. O tempo emudece, faz construir harmonias, ou confrontos.

Percebo-me dessubjetivado, dessensibilizado para viver novas subjetivações, ou na errância. Sinto-me sem passado ou em passado-presente; o que fui, sou e serei estão muitos próximos de mim, constituindo-me em novos estados e devires.

des otar

m n o s



*Remar, no infinito.*

Infinito. Infinitar. Contas você sobre o infinito.

É de ver e de não ver. Sentir e não sentir o que se sente e não se sentiu.

É cor névoa, infinito-imperceptível.

– Como dos mares?

– Como dos mares que não vejo, das palavras que não conheço ou que conheço demais. E da sua infinitude que se faz onda molhada de barro.

Infinitei na igualdade do mar. Vou-ar, vou-terra.

– Balouçar. Balouça, você?

– Aham. Subir, descer, planar no mar. Nadar e morrer: balouçar.

– Tenho medo de olhar pro infinito. Não enxergar o óbvio. Quero ver o que já vi, tocar o que conheço. Riscos me soam

doídos da infinitude, disso que chamamos viver.

– Mas se enxergares o mar onde for medo, nade.

– Nadar impede de temer?

– Temer é que te move de nadar. Troque o sentimento, Tolo.

– Troque, você, já que ama tanto o infinito.

– Não posso amá-lo. Mas lido com ele porque o invento. Brinco, dou uns sopapos, rio da sua cara malévola. E prefiro ele a isso que você diz ter fim e que não dá medo. Infinito não é até onde vão teus olhos e tua imaginações. É onde tudo que tocas e chamas permanece sendo o que é, mesmo que deixe de ser.

– Por que és tão confuso? Parece que brigas contigo mesmo em pensamento. E então brigas comigo.

– Sim, sim, naturalmente. Não sou claro, nem confuso, nem entre eles fico. Minhas ânsias de contrariar meu próprio pensamento já me causaram perdas. Creio que elas dizem mais delas do que de mim, mas sim, é um impulso, não me leve a mal.

– Levo sim, desculpas. Não tenho que sentir, com o que falas, a dor que queres que eu sinta, de me sentir vivo e causar algo que me modifique. Elas não me atingem.

– Mas não desejaria que lhe atingissem. Compor desse infinito que tens medo foi um canto meloso, eu entendo.

Não tonderei a lhe provar o oposto.

– Gentil de sua parte.

– Talvez. Agora pegue comigo o infinito e nade!

– Mas, ainda isso?

– Nade, Tolo. Desfaça-se de tuas teimosias.

– Teimoso é você com essa ladainha.

– Vamos! Nade! Estamos em um barco. Somos os remos, nossas forças compõe com os movimentos que esse infinito nos preenche. Seja preenchido por ele, deixe ser!

– Não posso, não posso! Pare com isso!

– Veja, você resiste a ele. E tudo bem, me parece ótimo que resista, mas não em demasia. Persista em compor com a força que ele está hoje. Preste atenção nela. O que sentes?

– Sinto medo, já disse.

– Não, outra coisa... há algo aí junto, persistindo com esse medo, que pensas que é medo.

– Não sei... você me irrita! Pode haver prazer com o medo? E angústia, sinto angústia. Não tarda que paremos de remar? Por que fazes isso?

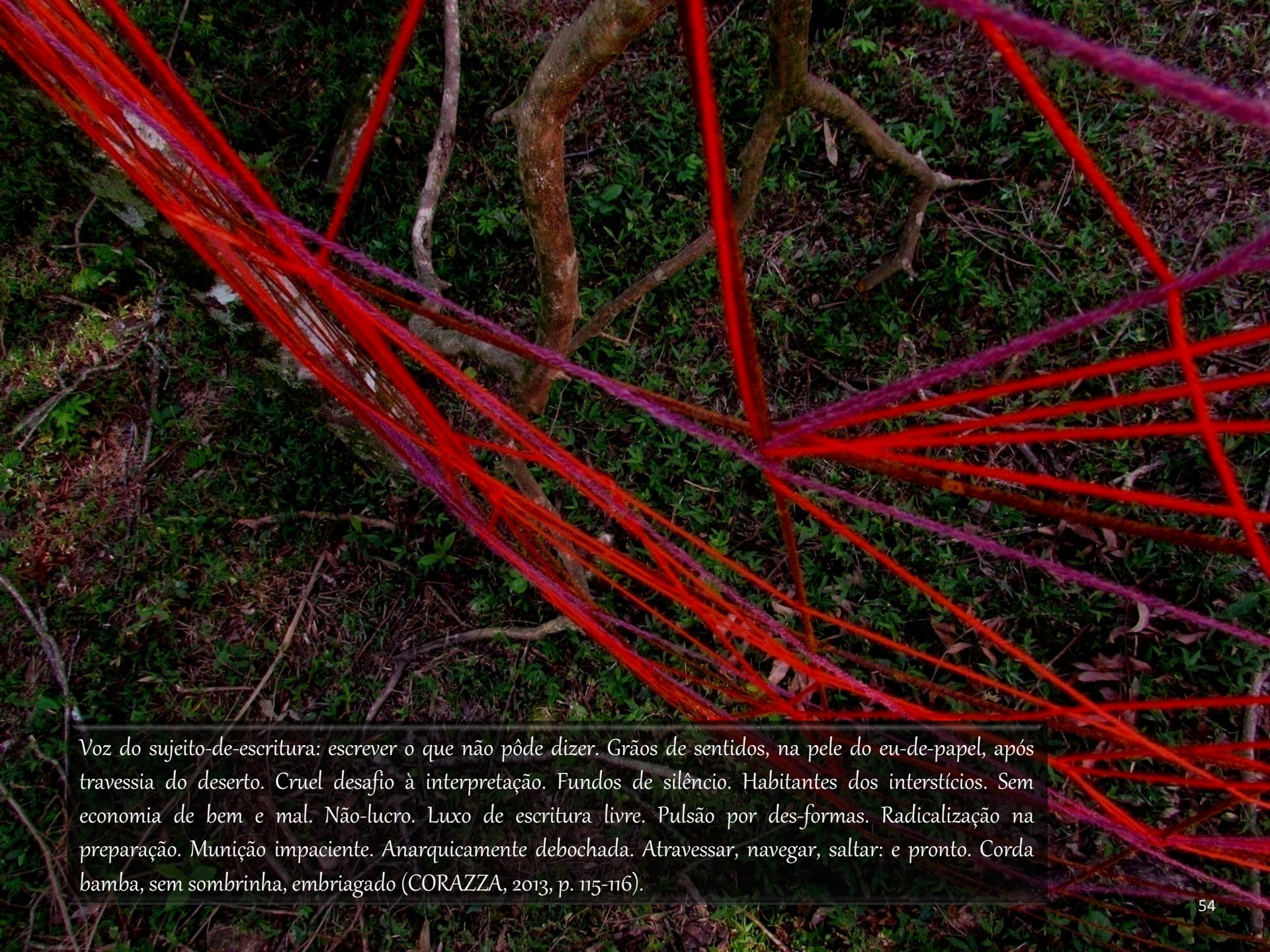
– Não, não pararemos de remar, Tolice! (Diabos, todos seus

nomes são parecidos, Tolo?!) Preste atenção ao que te tomas e persista nisso. Jamais pararemos de remar (ou somente até onde persistires em dizer que tudo finda em algum momento).

Reme, Tolice, reme. Morrer neste oceano é sobreviver, é vida que sobrevive.

Balouces, e volte a remar. Sintas aí medo e angústia e prazer em meio disso, mas volte a remar, teus braços se fazem água, são engolidos por isso (perderás eles). Então não temas. Não temas mais. Não sucumba à dor da infinitude de se saber vivo.

(Escrito produzido do encontro com o livro *A conversa Infinita 1*, de Maurice Blanchot - e da sensação contínua que não nos entendíamos)



*Voz do sujeito-de-escritura: escrever o que não pôde dizer. Grãos de sentidos, na pele do eu-de-papel, após travessia do deserto. Cruel desafio à interpretação. Fundos de silêncio. Habitantes dos interstícios. Sem economia de bem e mal. Não-lucro. Luxo de escritura livre. Pulsão por des-formas. Radicalização na preparação. Munição impaciente. Anarquicamente debochada. Atravessar, navegar, saltar: e pronto. Corda bamba, sem sombrinha, embriagado (CORAZZA, 2013, p. 115-116).*



## **Afinar silêncios.**

*A família, a escola, os outros, todos elegem em nós uma centelha promissora, um território em que poderemos brilhar. Uns nasceram para cantar, outros para dançar, outros nasceram simplesmente para serem outros. Eu nasci para estar calado. Minha única vocação é o silêncio. Foi meu pai que me explicou: tenho inclinação para não falar, um talento para apurar silêncios. Escrevo bem, silêncios, no plural. Sim, porque não há um único silêncio. E todo o silêncio é música em estado de gravidez.*

*Quando me viam, parado e recatado, no meu invisível recanto, eu não estava pasmado. Estava desempenhado, de alma e corpo ocupados: tecia os delicados fios com que se fabrica a quietude. Eu era um afinador de silêncios.*

*- Venha, meu filho, venha ajudar-me a ficar calado.*

*Ao fim do dia, o velho se recostava na cadeira da varanda. E era assim todas as noites: me sentava a seus pés, olhando as estrelas no alto do escuro. Meu pai fechava os olhos, a cabeça meneando para cá e para lá, como se um compasso guiasse aquele sossego. Depois, ele inspirava fundo e dizia:*

*- Este é o silêncio mais bonito que escutei até hoje. Lhe agradeço, Mwanito.*

*Ficar devidamente calado requer anos de prática. Em mim, era um dom natural, herança de algum antepassado. Talvez fosse legado de minha mãe, Dona Dordalma, quem podia ter certeza? De tão calada, ela deixara de existir e nem se notara que já não vivia entre nós, os vigentes viventes.*

*- Você sabe, filho: há a calmaria dos cemitérios. Mas o sossego desta varanda é diferente.*

*Meu pai. A voz dele era tão discreta que parecia apenas uma outra variedade de silêncio. Tossicava e a tosse rouca dele, essa, era uma oculta fala, sem palavras nem gramática.*

*(COUTO, em Antes de nascer o mundo, 2009a, p. 13-14)*

Mwanito-silêncio. Silêncios, no plural. Silêncio de uma vida nunca vivida, de uma mãe nunca conhecida, de uma sombra inexistente. Silêncios de inocência infante. De um nada poder, ainda que seus dias resistam ao árido dos pulmões de Jerusalém, terra de nada(r) em ninguém. Mwanito-abraço, ímpeto, desejo. Devir-Mwanito.

Palavras que rumorejam certa delicadeza, resignada a permanecer enclausurada nas poucas coisas que são ditas, na vida que resiste em não adoecer a afecção. Aspereza de um mundo que se sabe falecido, mas que ainda guarda a insistência



a resistir, em gritar o fio de vida. Vidas informes que permeiam o nada que lhes resta, em suas fomes de comida e de mundo, expressam o impessoal, neutro, e carregado em potência. E junto ao texto, enquanto se lê e se escreve, uma escuta: guardar sons, cores, gestos; soltar juízos, palavras, movimentos, traços, rostos, espasmos, deixar que se façam no ar.

[Como afinar um silêncio? Como afinar as palavras a ponto de torná-las silenciosas?]

Silêncio que não deseja falar, mas que ainda assim fala. Que sai do que esperamos, que não nos corresponde quando não nos devolve respostas; quando achegados e desconhecidos silenciam diante de nossa verborragia, de nossa ânsia de fala. Esse silêncio que nos força a pensar: “Por quê não falam? Por quê tanto silêncio?” Como produzir silêncios em meio aos lugares de docência e de vida? Como calar a moral, um pensamento que diz o que deve ser? Afinar silêncios talvez seja demorar-se em lugares distantes de nosso esquema pronto de pensamento; aproxima-nos de algo que é desconhecido, não representável. Campo mais aberto, sensível, grávido de sons, de invenções sobre nós mesmos.

Não é fácil de súbito calar o altifalante que me ligaram à garganta, de encobrir as lentes que nos meus olhos esconderam, de rebentar as membranas que lá no fundo dos meus ouvidos vibram. É isso que quero tentar. As palavras saltam em mim, dentro de mim, querem irromper de todos meus orifícios e cobrir o espaço. As conquistas verbais, todas as pequenas mordidelas de formiga das palavras e dos adjetivos. Depois de ter aprendido a falar, ao indivíduo o que é que falta? Falta aprender a calar-se; é isso (LE CLÉZIO, 1989, p. 33).

Não é fácil suspender esse texto. A maior parte dele, enquanto se lê, é uma paralisia inquieta, violência do incomum, uma espera de outras palavras, que não aquelas óbvias da falta de som que grita palavras na cabeça. Olhar para os lados e fugir do livro, para encontrar essa ética de, depois de ter aprendido a se dar o direito de falar e escrever, também aprender a calar; *“silêncio índio, que não é mutismo, que não é contemplação inactiva. Silêncio que é interpretação possível de*

*linguagens várias, escuta de variadas vozes. Quero procurar aprendê-lo. Vai ser preciso para isso eliminar em mim palavras, proceder à eliminação”* (LE CLÉZIO, 1989, p. 33).<sup>5</sup>

Como se acessa esse lugar que parece também ser o espaço de um salto, onde desabilitamos a ânsia de sobreposição ao outro, o controle dos acontecimentos e pessoas, de nossos afectos? Como aprender a possibilidade de um Salto como silêncio? Que acessa um espaço de liberdade do qual nos libertamos de um “ser-sujeito” e das sustentações de identidades fixas? Não temos nem permanecemos na região de um Salto, mas podemos entrar em relação com ele, vislumbrar um silêncio-espaço onde percebemo-nos como não-fundados, carentes de qualquer fundo ou qualquer fundamento, como desprovidos de qualquer razão ou de qualquer princípio que pudesse dar conta de nós (LARROSA, 2005).

Como habitar nesse silêncio, existir nessa outra linguagem, “*que está para além das acusações e das responsabilidades*” (LE CLÉZIO, 1989, p. 31)? O silêncio sentido em educação é o do afogamento do som, da dor do mutismo, compressão da garganta, sufocamento, inchaço das cordas vocais dos sons e ruídos e gritos que não devem sair. Os gestos assustam, as outras linguagens são solicitadas, mas apenas na ‘hora certa’, com sua devida utilidade. Nos afogamos com nossas próprias palavras não ditas.

Em outra região, insiste a cacofonia, excesso das palavras, dos gritos, dos sons de cruzamentos de trânsitos, slogans por toda parte, cimentações de palavras que não cessam de se fazerem na mente, mesmo que forcemos a inutilidade do nosso ego. Querem sempre adivinhar palavras em nós, colocar palavras em nós e, então, colocamos palavras em nós. “*Há uma tal quantidade de palavras a multiplicar a sua casta, a nascer a cada segundo, palavras terríveis e belas palavras, palavras. Aquele que não fala vai talvez morrer. Aquele que se recusa a falar, que cerra os dentes e resiste à vaga das palavras, vão talvez matá-lo, apagá-lo da face da terra*” (LE CLÉZIO, 1989, p. 32).

5- Le Clézio, em Índio Branco, deseja entrar num devir-índio que, segundo Deleuze (1997), nunca é adquirir características formais de um índio, mas entrar numa zona de vizinhança dele, tornando-se índio, mas sempre um índio inacabado.

Salto como possibilidade de silêncio. O silêncio como possibilidade de saltar. Possibilidades que não compõe com os que se retiram de seus lugares de falantes, do alto de seu saber e autoridade, para ocupar o lugar do 'ouvinte ideal', numa falsa modéstia de que, efetivamente, o que importa é o que ele, de fato, sabe. O salto como possibilidade de silêncio, e silêncio como possibilidade de ocupar o lugar de um salto, é esse instante em que se percebe - e, quem sabe, aprende-se - que já não há mais muito o que dizer. *“Como se, de tanto falar e falar, houvesse um momento em que a linguagem minasse um território até ali ignorado: o da ligeireza habitual das palavras, a confiança cega e habitual no sistema, a mesquinhez dos sentidos, a crença de que é possível falar de qualquer coisa, a dissolução do mito em que o mundo se representa como questão de alguns nomes, alguns poucos adjetivos”* (SKLIAR, 2014, p. 27).

Que quando ele nada disser com a boca, *“talvez outra coisa diga com as mãos, com as costas, com as narinas”* (LE CLÉZIO, 1989, p. 33), que o faça decantar a ânsia pela análise e pelos interrogatórios. Uma ausência de fala que vaze também por uma ausência de escrita, que é possibilidade de outras escritas se fazerem.

A inabilidade de escrever a sensação de um silêncio-salto talvez nos torne atentos a ele, e que também não há outro modo de traçar essas linhas de salto-silêncios a não ser experimentando. Talvez afinando uma escuta que não significa mais privilegiar um som. Ou, quem sabe, privilegiar pequenos sons, algo que nos coloque ouvidos, olhos, o corpo no mundo... Que nos faça saltar: *“diante do salto, o olho tem de se mexer, o ouvido precisa se readaptar, o corpo se recurvar e e tomar nova forma; a mão tropeça em uma ranhura e ganha nova aderência, o pensamento muda de lugar. Seja no ver, no ouvir, no rastejar com o corpo, no roçar a mão, existe aí uma experiência de um corpo sendo arrastado para fora de um lugar: o hábito. A exigência de tomar uma nova posição, nova forma...”* (FERRAZ, 2005, p. 85).

Talvez um caminhar solo, uma gota de chuva inesperada sob nosso nariz, o coaxar de sapos, um som desconhecido que saia de nossa boca, os pés que respondem ao gelado da água, o som da chuva de folhas de um céu verde, os ruídos que saem de nosso corpo, um lugar que fomos lançados numa leitura e que nos perdemos por um tempo. Talvez o silêncio de que falem seja o da criança que joga, um som que ela cantarola enquanto brinca ou se esconde. O silêncio do idoso que é

um riso, um riso que se engatinha ao visitar um modo de ser da criança. Saltos-silêncios: aticar pontos e pinçar linhas de cumplicidade entre um pequeno e uma velha que persistiam em se encontrar: é preciso experimentar.

Ria, ria, ria-se todo. Tinha algo ali que nem o passarinho explicaria. O neném olhava pra aquele ser enrugado na sua frente, que se enrugava quanto mais se ria, e tremia o corpinho por não saber o que fazer com aquilo. O miúdo não tinha nojo, nem medo, nem nada dessas coisas que adulto sente por velhos. Essa palavra idoso é como se escondesse de fato o que ela era. Era velha, e velho, pro mundo, não é bonito. Não toma banho porque esquece. Mija nas calças porque seu corpo vai mais que sua consciência pode fazer. Deixa de dizer sim ou não por quem quer que seja. Segue o que vibra. Mas o miúdo, o miúdo não a julgava, não temia, nem rejeitava. Quando ele a vê, ele ri, como sempre riu. A velha que deixara de pegar o miúdo no colo. Miúdo pesa, engordecu rápido de tanto peito. Mas ela se apresenta toda a sua frente, e fica tão bonita assim, mulher, falando a linguagem do miúdo que é riso.

Um ria: pá, o outro ria de novo e vai além. Miúdo e Graúda, criança e velho: num o riso da vida que ainda não lhe incumbiu morais e bons costumes, em outro, o riso do corpo cansado do que fez a vida toda, que foi chorar, criar filho e cuidar do seu velho.

Pequenez do momento explica uma linguagem: riso. Riso de aproximar, afrouxar, amassar, cuidar, alimentar, acarinhar, acalmar. Criança não se engana. Tem um riso-linguagem, sem palavras, sem explicações, objetivos, mas um riso de sentir rio, de deixar que a vida leve, lave, abrande. Ria-se. A linguagem que o pequeno de meses já entende que funciona e que chama. Riso sem preconceito, que desinventa e desinveste essa mania boba de se dizer adulto. Adulto que não ri. Riso-rio adalteceu: ficou escuro, perdeu volume. Quer-se o riso cúmplice, amigo, guardião, mas sem peso, posse, possuídos.

- Riso-livre, então?

- É. Esse de quando estamos embriagados, de sorrir o nada, a dança, o cheiro. De rir de si mesmo, e se perder. Rir que se perde em ser rio, sabe?

Sei não. Acho que perdi pelo caminho...

- Perdeu, não. Deve de tá aí escondido na ruga trêmula, no sonho contido, no choro preso. Porque rir é chorar também.

Chorar e rir são parecidos porque os dois quando começam, se vão. Vão e voam, sem início e nem fim. Chorar e rir é que nem festa de cegos: quando começa, ninguém sabe de onde vem, nem por quê.

- Hum... E faço como pra ser cego?

- Finge que conhece. Faz que esqueceu.

- Esqueceu de quê?

- Que esqueceu que conhece tudo na vida. Apaga o mundo e o homem. Continua sendo criança, miúdo até ficar velho. Ri quando chora e chora quando ri, sem saber onde um e outro termina! Se der, fecha os olhos junto. O mundo, e tu todinho, miúdo, vão mudar de cor.

(Escritos da observação do encontro entre dois – os 88 anos de um e os 10 meses de outro)



A young child with light skin and hair, wearing an orange tank top, is shown in profile on the left side of the page, looking upwards. The background is a vibrant, lush green forest with a small waterfall cascading over rocks in the distance. The scene is bright and natural, with sunlight filtering through the trees.

***Fôia. Caía. Fôia. Cai. Caía***

***Titio carro. Titia Uâna.***

***Cai folha. Aí titio. Aí cai. Fôia.***

***Úa. Avre. Áua.***

Repetir. Repetir. Repetir.

Tagarelar infinito, ininterrupto e sem interlocutor.

Sem consoante (Lua que vira Úa, árvore que vira Avre, água que Antônio-Áua).

O corpo conta as histórias, e a sonoridade das palavras se dão por vogais e ritmos.

(Segurava suas mãos para que as folhas fossem arrancadas da árvore).

Só ouvia a voz que queria ouvir seu próprio repertório  
de sons que produzia e compunha seu mundo de relações.

***Menina. Carro. Púuum, titia!***

(Antônio contava a história de uma menina, com seus braços pequenos mexendo rápido, dizendo que um carro a atropelou.)





***Despropósitos, paralisias.***

Tem tentado compor as linhas que a atravessam em modo-outro de vida, lá onde criar não exige porquês falados. Enrolar-se em si mesma, enquanto pensa infinitas possibilidades de cruzamento, ligação, de um único fio, do início ao fim. Queria era estar lá, fora, tocando felpudo de árvore, enquanto aguava-se de vento, atenta aos sons do seu pé pesando sobre grama seca. Soterrava com as perguntas dos aproximados:

- Que propósito tem nisso?
- Propósito algum. Não sei, só me deu vontade de fazer.
- Muita profundidade nessa resposta.

Teve vontade de perguntar que propósito aquele, que perguntava, via no que fazia, mas permaneceu enrolando fios, e lidaria com a ironia quando fosse mais nunca.

Persistia no enroscar, às vezes só repetia os mesmos movimentos, sustentada por uma ideia sutil de uma teia. Não poderia fazer uma teia, tal como as aranhas que, pouco mais abaixo de seus fios, rente ao chão, exprimiam-se em exprimir presa: eram 3 as que contou. Queria que algo ou alguém compusesse consigo aquela geometria sem sentido, fossem folhas, lagartas desocupadas, flores assustadas, cascas das próprias árvores que caíssem, aranhas também, que subissem aos céus e se arriscassem, crenes que podem pegar além de mosquitos planadores de baixas alturas.

Deixara como um pêndulo o rolo de lã enrolado. Parecia estar naquele bolo sustentado por um fio tão fino, cansado de si mesmo, mergulhado nas próprias linhas que a constituíam. A tal ponto emaranhados, não parecia haver início nem fim de um fio único: eles estão submersos em um modo de grudar ao mundo, entre as coisas, e era isso que ela queria. Que esse pêndulo com qual se identificava no ínfimo do tempo se desfizesse a tal ponto naquele ar verde e leve que aspirava, sob as ferrugens dos ferros, que já não poderia mais se desfazer de tamanho enroscos e enredo que era a própria

natureza, tranqueira cor de terra, a vida.

Então continuou a desenrolá-lo e abriria outro rolo e mais outro, para que algo mais se desse, enquanto aquele despropósito se fazia entre os galhos.

Foi gozando com as cores. Dançar com as linhas a fazia esquecer, fazia cantar, distrair uma distração aceita. Paralisaria ali, sob mais fios coloridos, traçando sobre traço, fiandando sob espaço vazio, bloqueando passagens, capturando o ar que passaria pelas fendas. Mas escureceria e os mosquitos subiriam de carona com as cobras sob ruídos inaudíveis. Tão lentos e ansiosos como sua própria lentidão, eles soterrariam seu desejo de continuar ali e a comeriam, caça fácil, mole.

O apetite se deu nela. Pousar sob fios inúteis dava fome.

Permaneceria tentando compor as linhas que a atravessavam em modo-outro de vida, lá onde criar não exige porquês.

\* \* \*

Paralisar. Que de nada diria sobre imobilidade: tudo move, tudo escorre, escapa, e volta. Haveria imensidões de pensamentos, mas há também algo de paralisado, próprio de um instante que percorre idas e vindas, entradas e saídas, medos e coragens, sopros, esconderijos, passando e nunca deixando de passar por teimosias, desvios, resvalos, ímpetos. ‘É isso!’, não, mas não é. ‘Uso das linguagens que me chegam e penso nelas, corto, bifurco, bordo delas e nelas’, não, mas não é isso! É e não é. Saltos, re-saltos, salto novamente, volto, retorno, salto, re-re-re-salto. Esquartejar uma tese e não produzir elos, ainda que eles existam. Ainda que um leitor possível não o faça, não veja elo nenhum, porque não há.

Faça você o elo. ‘Hunf! Que metida!’

Bebi, para produzir paradoxos. Beber, abusar, soerguer, trazer à superfície, “o mais encoberto tornou-se o mais manifesto” (DELEUZE, 2013, p. 8). Não funcionou. Bebi, beberei mais, com água, chuvas, ventos de outra cidade, cores e suores e rostos com sono, risos sem dente, choros, batidas, angústia cansada, samba suado.

Não tente ler as coisas e o mundo no que deixaram de manifestar. Nada deles é e tudo já está aí, no que se dizem deles, do que dizem dele. Que dizem deles? Eis um sapo em minha boca, rosnando para que não salte, nem diga.

Saltei. Caminhei pelos fios desse tecido, pendurada sob os bichos que se alimentavam de minhas ânsias de controle e lugar definido. Arrastei os que gostam de vomitar o mesmo em templos narcísicos. Fui mais lentidão, menos sofreguidão. Mais deslizos, terra fértil, menos lamento e disciplina.

Em quintas-feiras, vomitei cerveja quente. Aspirei conjunto de teias e aranhas enquanto limpava a casa. Vomitei-as durante a noite. Elas desovaram em meus dedos. Vesti pelos urticantes.

Saudei as vizinhas que me odeiam, desde então.

[Isso é dos dias. Nada termina nem inicia, são apenas gatilhos, engatinhados, de costuras que nunca cessam numa pesquisa.]



## *Dos excessos*

Ossos dói. Osso sentido. Ossos. Quem? Ossos. Existe? Existe. Existência. Lembro de um corpo que é meu, mas não só. Lembro que sou um corpo sentido no espaço e no tempo, no espaço e no tempo que são de outros. Corpo aquém e além de mim. Ai, mais de mim. Saco. Mentira. Não sei que corpo é esse. Minto. Sei, às vezes. Às vezes sinto, outras não. Ignoro, nego, deprecio. Corpo raivoso, culposo, contido. Mas extravasa, na continência contida.

Lembrei: quem lembra? Quem lembra de lembrar e também de se esquecer? Esquecer-se. Dizer não sou, não sei (e daí?). Ser sem ser.

Ser frio. O frio da rua cortava. O gosto do excesso de mim e do outro cansava o frio. O frio cansou de nós. E tinha gosto de terra. Beijou o chão, deixou o rastro do outro em si mesmo e se desfez um pouco do que era, mas pouco. Por beijar o chão, ocupar o chão, sentiu-se um pouco prehe, marrom, grotesca, grossa.

Mentira. Soltava-se. Mentira. Engano vazio. Engano do vazio, de que falta. Mentira. Há excessos, caos, vácuo de cheiura. Tem gosto de tédio. Cobria o desdém de ser disforme, de poder compor outro corpo. De dançar uma dança dela. De gozar o gozo desconhecido. Tivera mais, aquém e além de si. Queria lembrar pra esquecer.

Esquecer-se. Mentira. Mentira. Para de dizer mentira. Mas é mentira. Desistiu mesmo de desacreditar. Para de dizer mentira.

Tinha velocidade no repouso. Movimento na paralisia. Olhos nas costas. Visão nos glúteos. Tem bocejo na dança. Sonho

acordado. Chão no ar. Espaço no tempo. Prisão na liberdade. A vida toda que vira sim e não. Desistência. Incongruência.

Tem grito, sopro, choro, palavra. E tem silêncio. Sustentava que caía, curvava, enrolava, pisoteava, chutava. Tem olho. Enxergo você. Enxergamos.

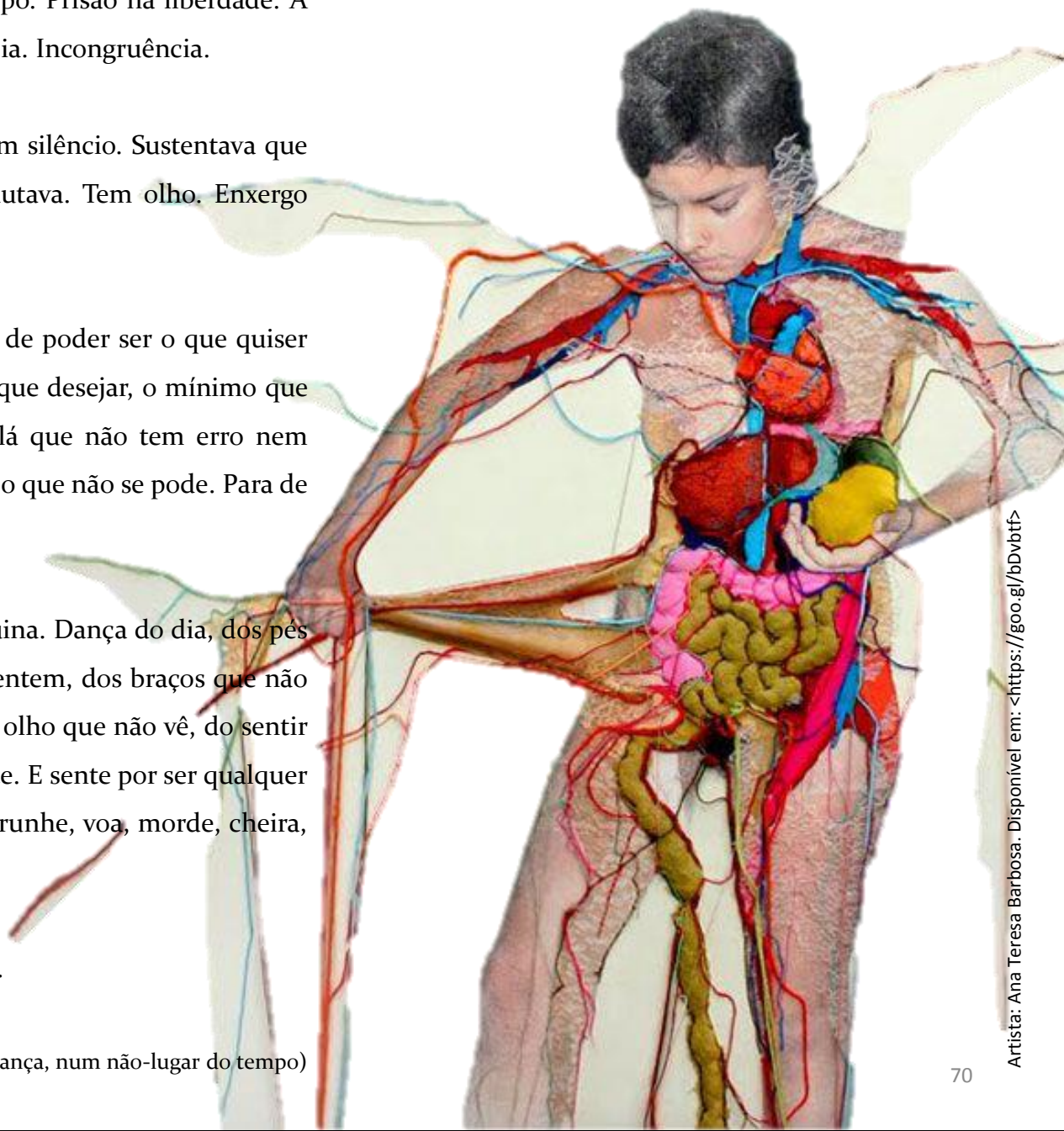
Tem dor. A dor de querer ser mais. E de poder ser o que quiser (porque pode). A presunção de ser o que desejar, o mínimo que se pode fazer por esse corpo. Avisa lá que não tem erro nem acerto. Só não-ser: ser o que se pode e o que não se pode. Para de doer, doendo.

É sempre dança, vês? A dança na esquina. Dança do dia, dos pés que não pisam, das pernas que não sentem, dos braços que não abraçam, do ouvido que não ouve, do olho que não vê, do sentir que não sente todo, todo ele. Mas sente. E sente por ser qualquer coisa, inclusive nada. Corpo arrasta, grunhe, voa, morde, cheira, empurra, vaza, senta, prende, baba.

Corpo. Teu. Meu. Nosso. Uma coisa só.

Verdade.

(De uma escrita após uma aula de dança, num não-lugar do tempo)



do... no susto da imagem de uma...  
...a escura, cozida pelo tempo, apequena...  
...o: Andressa diz que estão construindo out...  
...eira, da pequena criança que nos observa...  
...tados na cama. Cama que grudava com cozini...  
...Andressa suava. Seu rosto jovem era seca...  
...neni... cachorro que vai se chamar Lucas, falou olh...  
...de mim. Ele... e me... olhar corre de novo em direç...  
...para os fundos... a casa para... brinquedos que dep...  
...água no chão vinha... a pia... os par... And... dis...  
...disfarço em timidez, ...er desenvolv... de un...  
...realizar um projeto que... Mas Andressa...  
...água encanada e terra cultivável. Mas Andressa...  
...Conto quantos cachorros há (uns oito?), volto a olhar a pequ...  
...ntadas se fazem relevo na pele com fezes dos cães. Nossas pont...  
...timidez, a timidez de riso fácil, de estar sendo obs...  
...projeto, sim. Não fico feliz... nem tristo...  
...ções e lamentos...

LOPATA

LOPATA

## *Des(atar) em nós.*

Abrir o tecido em partes de mim: tenho ânsia de arrastá-lo, cortá-lo, espezinhá-lo, dissolvê-lo em linhas, cruzadas, soltas, atravessadas, que se enrosquem em si mesmas em meus pés, pelos, boca, mãos. Queria mais fios sobre ele, menos nomes. Enroscar-se e perder-se. Enroscar-se em teia que em si mesmo se faz casa, e é capturada como presa. Morada-capturada. Capturar-viver-existir-sair-voltar. Mesmo tecido negro que compõe os dias, as saídas-descobertas de territórios os quais atçam algo de estranho e novo, e alegre, e sonoro, debruçado sobre o que escuto, olho, sinto nas composições de minha pele. Engolir as vozes com as quais compus outras línguas em viagem: mãos cascadas, suadas, torpes, azedas; pensar ao estranhar-se com aproximações recorrentes de quem não lhe conhece, ambulantes que pegam em suas mãos como se fossem seus pares amorosos; encontro-me com os mesmos olhos que ressuscitaram cor das águas quentes que me abraçavam desajeitadamente; o entorpecimento tolo de se deparar com a infinidade, pueril leveza dos dias, em desertos de gentes, multidões de areia, brisa, coqueiros, charrete, nuvens esparsas, pedras que outrora foram corais, peixes em manchas cores, árvore seca em meio sal da água; encantar com espontaneidade da língua de um lugar, narrativas pessoais, linguagem outra em mesmo português, mas onde se canta e entona e espicham-se palavras, duplicam-se sons. Fala-canto, corpo que fala e dança como canto, simultaneamente.

Esse tecido negro que faz esconder, sucumbir, resistir, molhar em dor, abraçar animais e paisagens, alegrar-se em carregar meu próprio manto de possibilidades contíguas e latentes de permanecer lentidão e pressa com as palavras, sem a culpa de ora odiá-las, desobedecê-las, ora carregá-las em mãos, cuidadosamente polidas e sortidas. Macias em sua voz, para fazer outra coisa de mim mesma.

Essa relação, alguma, alguma coisa qualquer de relação com o mundo, é onde tudo se faz e se perde, onde leituras e escritas vão indo, vindo, entre fios e linhas, fazendo-se, desfazendo-se, ciclicamente, sob minhas e outras tantas mãos-corpo-pensamento-fiandeiras.



Fiandagens de um alguém.

Uma(s)

Vida(s).

Alguéns.

- Mas você borda palavras tortas!

- Bordo pra ver se as desentorto e entorto mais. É assim... escrita torta, rota. Ah, feias, sim, também já disseram. Bordar sem traço prévio de como pegaria um lápis e as traçaria, deixa que o corpo tenha que compor com a textura do tecido, o volume de pano que é preciso deter na outra mão e puxar a linha para conseguir fiar com a agulha. Fiandar palavras tortas é também traçar possíveis na vizinhança com palavras-outras, textos, bichos, pessoas. Borda-se para ocupar outros lugares do corpo-pensamento, entortar palavras para entortar-se, (de)formatar-se, de-formar-se (para, por vezes, deixar de ser aquilo que vem sendo, desaprender, desinvestir nas identidades maiores). Vazar as formas e as fôrmas, porque somos rebaixados demais, formados demais.

Desabitar e criar ritmos de outras escritas, enunciados, compor com. Conjuguar com as simpatias, falar com e escrever com pessoas, personagens, corpos físicos, biológicos, verbais. “É isso agenciar: estar no meio, sobre a linha de encontro de um mundo interior e de um mundo exterior” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 65), tornando-se outra coisa, estar em cada coisa, desaparecendo com o mundo.

Essa experimentação, um trato com uma escrita, um bordado, leituras, não estão no trabalho como algo para ser objetivável, coisificável, e nem tornar-se autoridade em dizer o que se pode fazer com isso, para que fazê-lo, instrumentalizar essas materialidades em educação. Estão em curso as próprias dificuldades de um caminho formativo, de pesquisa, de um fazer-se nessa experimentação da vida/pensamento: processo, devir. Quando onde “o que se descobre é a própria fragilidade, a própria vulnerabilidade, a própria ignorância, a própria impotência, o que repetidamente escapa

ao nosso saber, ao nosso poder e à nossa vontade” (LARROSA, 2014, p. 42).

‘O que nos acontece?’

Desejaria perguntar aos que lêem e passam agora, ao mais íntimo de um amigo que se ausenta.

O que te acontece, com isto, e outras coisas que se lê e se escreve com gestos, com nossas vozes, os movimentos que traças e costuras durante teus dias? Como tens pensado teus conflitos, teus pesos, tuas sortes e acasos? Como habitas tua existência? Como cruzas pelas pessoas, pelas palavras, pelas peles que te roçam? O que tens feito do teu corpo, das tuas mãos, de teus pés, dos teus excessos, sombras, gostos? Como te sentas, quando sentas confortavelmente? Como tens cheirado, gozado, vivido, sorrido? Como é tua manhã? Teu sono? Como tens falado, ouvido tua voz? E a dos outros? O que disseste há poucos minutos? O que tem te escapado? O que permanece e que, poderias soltar, deixar fugir?

Há tecido ainda negro junto comigo, trançado por estas ignorâncias que disparam escritas. Em composição, este trabalho estende suas fiandeiras e, com quelíceras ausentes, ponho-me a permanecer capturando e digerindo e sendo digerida por presas junto à trama já existente. Outras paisagens, de outros lugares e tempos, permanecem constituindo pontos singulares dessa teia, reativados junto a outros, pinçados pela sensação. Uma fiandagem que nunca cessa.

Vou brincando de desinventar quem somos. Bordar, traçar essa trama, fiandar as grafias é um modo de estar, apenas, de pensar junto, de me mover quieta, mais de pairar, também de poder cansar de ler e de escrever. Borda-se para desacelerar, quem sabe fazer nascer algo do caos. De saltar, em alegria, fazer fugir. Porque, se me dizem de uma realidade, penso em produzir em outra, em meio às coisas. Outra que se sente, se imagina, se inventa, outra que me atravessa, que se experimenta; não uma, a que afirmam ser ‘da educação’. Pesquisa como puro desejo de aprender. De compartilhar um como se lê e o que se escreve para deixarmos de ser quem se é, como suposto princípio de tudo. Experimentar: ir brincando e saltando um pouco mais:

*Quando assim se percorre os dias, observar as cores e luzes das pessoas, tomar conta de que elas não são pessoas, como já sussurrava Deleuze. Algumas são um dia, uma chuva, uma temperatura com cor, um som doce, algo que*

*faz vibrar nossos passos quando caminhamos. Algumas carregam o peso das horas, da chuva acumulada em canais que não escorrem pelo corpo. Outras, soam como túneis inabitados, tão sedentas de gentes, cores e sons quanto caberiam em suas paredes.*

*Tenho esperado, não com lamúria, talvez com um pouco de impaciência – que soa como raiva – a presença de um vento forte. Ele chegaria inesperadamente, como um bufão pedindo passagem e sossego. Um vento morno que tomaria noites e insônias vazando por lenços pelas ruas, quebrando cortinas de tristeza, rindo do que não lhe chama atenção.*

*Verde, às vezes mais iluminado, ele sopraria vida. Ele enche, engorda, e pendura sua brisa sobre meus ombros, pesando como lava: carrega o que não pode, abraça o que não deve, mas persiste em acolher o mundo. Bonitas são as noites que dormiria comigo, viraria um sopro de alegria, pedindo que meus braços soerguessem suas ventanias, para que acordasse vento norte, correndo em modo criança, quente. Percorreria esse corpo tocando as luzes que emanam dele. Como lampejos, pego algumas luminizências que saltam e guardo em minhas pupilas para que vento verde lembre, mais tarde, de onde elas vêm.*

*Tantos nos dizem que dá pra aprender a ler o mundo, o chão, as pessoas, as coisas por aquilo que elas fazem vibrar, no que elas fazem enxergar, ver e sentir. Aprenderia a arrastar as dores desse vento, enquanto dorme, para que seja somente leveza e alegria. De resto, deixaria que ele fosse o que quisesse, sem que meu modo bicho devorasse a vivacidade que lhe resta.*

*Favorecemos o outro e o libertamos de nós mesmos, ouvi ou li por aí nesses dias de vento ausente.*

*Deixo que siga vento verde, para que entre pelos meus, e outros poros, quando bem lhe couber.*

*A porta (e todas as janelas que sorriem pela casa) está aberta. Ventania.*

*( Ventovina)*

A VIDA É UM

POREQUANTONADA

HÓDE VIR

*Lãs. Perfurar palavras.*

Fura-se um papel e borda-se com ele no tecido. Traçar novas linhas à materialidade papel-tecido. Deglutir, furar, picar a demasiada 'realidade' das coisas, o vivido, ainda em demasia em algumas nuances do trabalho.

Furar escritos junto ao tecido, na brincadeira de fiandar-vaporizar por ele e através dele. Combinar os elementos, porque me fazem bem, porque me arrastam para outras zonas do pensar, quando em contato com essas superfícies.

[Ir além da narração, da descrição, da interpretação.]

Rasgar-se na sua própria impossibilidade de permanência. O que insiste é sensação. Do tecido que fura a porosidade, do buraco cavado por entre células lisas de composições da memória. É preciso vaporizar o que nos acontece, desprendendo-se da efetuação do acontecimento no corpo ou num estado de coisas.

*Distancia-te, transfigura-te, desprenda-te!*

Vaporiza isso, me disseram. *Joga pra cima!*

Tentativas.

Fazer do problemático do acontecimento uma escrita. Fazer linguagem(ns) com as forças que nos chegam, efeitos incorporais (DELEUZE, 2003).

O que seria vaporizar, leitor?

Tampouco sei, mas procuro experimentar. Tornar o vivido, acontecimento? Sair dos estados das coisas para chegar ao virtual? Isso que escapa à própria atualização do acontecimento, no estado de coisas, num corpo ou numa vivência, um sobrevôo que nos arranca da demasiada efetuação. Para não encarnar demais, pessoalizar, algo que permanece sem relação comigo. Contra-efetuar. Que libera as singularidades dos limites dos indivíduos e das pessoas (SCHÉRER, 2000).

De tudo o que um sujeito pode viver, do corpo que lhe pertence, dos corpos e objetos que se distinguem do seu, e do estado de coisas ou do campo físico-matemático que os determinam, ergue-se um vapor que não se assemelha a eles, e que investe o campo de batalha, a batalha e o ferimento, como componentes ou variações de um acontecimento puro, onde subsiste somente uma alusão ao que diz respeito aos nossos estados (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 205).

Descolar-se do tempo em que as coisas se dão e atentar ao que está na superfície, no efeito dos resultados de ações e paixões entre os corpos, que não se confunde com eles, entretanto. Há algo, assim, que não se pode apreender e representar em palavras conhecidas, em sentidos exprimíveis. São sempre tentativas de tornar o que se vê e se ouve, o visível e o invisível, uma tensão superficial, um tempo de abertura onde um devir escorre e coloca o acontecimento sempre a diferenciar-se de si mesmo.

Vaporizar as coisas em educação. Vaporizar os encontros, o que se ouve, o que se diz, gestos, ações? Poder vazar as identidades, as formas ideias, as representações que sustentamos, o que de alguma forma foi arquitetado para não ser vaporizado.

Vaporizar a docência. Talvez um modo de tornar leve as coisas, de sair de estado dado das coisas e elevar-se. Que não permanece no excesso de interpretação para experimentar o lhe acomete: o docente toma para si os acontecimentos mas não os encarna demasiadamente.

Vaporiza-se o próprio escrito dos estados das coisas, dos fatos, dos sujeitos imersos em seus adjetivos, para tornar e fazer disso outra coisa. Vaporizar é um aprendizado. Porque implica dispersar-se, distanciar-se, dar inutilidade ao ego gordo. Implica mesmo assumir os fascistas em nós, a demasiada lamúria e soltar as espadas reativas. Usar mais da gargalhada do que do pio humano que sustenta bandeiras e terras sozinho.

Tomar as coisas por individuações “do tipo acontecimento, sem sujeito: um vento, uma atmosfera, uma hora do dia, uma batalha” (DELEUZE, 2013, p. 147). Vaporizar-criar ao invés de simplesmente descrever e representar os corpos e as coisas através das linguagens. Tamanha tarefa, gigante tarefa essa de, por vezes, diminuir a velocidade e dar chances de uma composição de vida e “arrastar as formas e as funções, as formas e os sujeitos, para deles extrair partículas e afectos” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 61); que capta transformações incorpóreas, capacidades de existência, potências que não são mais respectivas a coisas e indivíduos já formados e constituídos.

Vaporizar pela escrita implica um verbo que englobe uma potência de pender mais ao plano de composição de um “vigilante de visao ampla”, que não sobrecodifica tudo em demasia, instalando binarizações por onde passa ou que traça apenas linhas de segmentaridade dura em que “todo mundo será julgado e retificado segundo seus contornos, indivíduos ou coletividade” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 74). Ao contrário, eles detectam devires e fluxos, enxergam detalhes de detalhes, adivinham o futuro, mas sempre sob a forma de um devir de algo, que procura investir e experimentar uma percepção mais molecular e de fuga, percebendo movimentos de microfissuras e grandes vazios, colocando em foco

“aquela outra metade do mesmo mundo que é feita, essencialmente, de movimentos, de devires e de transformações” (TADEU, 2004, p. 15). As ‘vaporizações’ da paisagem dessa pesquisa se fazem em escrita – ou, no mínimo, atentam para se constituírem em escrita –, posto que “cantar ou compor, pintar, escrever não têm talvez outro objetivo: desencadear devires” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 63).

Vaporizar como um modo de entrar em relação com um texto. Um modo no qual o leitor se põe na espera de ser capturado, como uma presa. Não há receio em entrar num devir-mosca e, a qualquer momento, cair nos sulcos pegajosos de uma nuvem-teia. Ao fazê-lo, acaba-se por também vizinhar-se com um modo de aranha, que faz sua teia apenas com o ‘protótipo de mosca’ na cabeça, às cegas. Esse leitor-aranha está em busca de algo, que não sabe se vai encontrar, se algo passará, se a teia que produz suas relações com o meio, vibrará. Ele espera, indefinidamente, nesse “tempo em que nada se passa” (DELEUZE, 2013, p. 204).

Em modos de leitura, vaporizar talvez peça “leitores calmos” (NIETZSCHE, 2012, p. 54) para que não espantem os devires. Leitor-mosca-aranha-teia, que “não desaprendeu a pensar lendo, ele conhece ainda o segredo de ler nas entrelinhas; ele tem o caráter tão pródigo, que ainda medita sobre o que leu, talvez durante muito tempo depois de ter fechado o livro. E não para escrever um resumo ou ainda um livro, não, somente como tal, para meditar! Abominável dissipador!” (NIETZSCHE, 2012, p. 55).

Sobretudo, vaporizar implica em converter em problema tudo que já sabemos, principalmente qualquer ideia de leitura. Leitor que não espanta devires ao viver e que, por isso, pode não ler ou se lê, não faz uma ode à leitura, tampouco define se há uma leitura melhor ou pior. Ele atenta em converter em “desconhecido, em misterioso, em problemático, em obscuro, isso que cremos saber” (LARROSA, 2004, p. 314).

[Perceber que nada se passa, mas que tudo mudou]



(Escrito vaporizado - encontro com a morada de uma estudante em Dilermando de Aguiar)

Dias de chão seco, eram caminhos de desertificação.

A angústia fora soterrada pela surpresa do não-ter. Sob os olhos daqueles que curvam-se diante da pobreza, o que se mostrava esbofeteava suas vergonhas, fazendo-os se recompor diante de uma vida que não se assusta com a dor do não-ter, não-ser. Os salvadores queriam esconder-se e sorriam pela vergonha de serem homens.

Um dia como qualquer outro, atravessado pelas visitas dos olhares. Ela, ágil, com ventre escondido que diz esperar um filho, além daquela que brincava à porta do casebre, no entorno do que dava vergonha. Decidida, a criança brinca com os arredores de cheiros e devires inconfessáveis: lama, merda, água, cão. Cães misturavam-se a ela, observadora e exibicionista do que não se tem, não se é. Composições e conjugações por entrar em contato-contágio com um mundo, seu mundo.

[a vergonha compõe células de um adulto, apenas.]

O calor acentuava a coletiva incapacidade de desconstranger. O suor acentuava a timidez caricata dela, a mãe. Eram todos iguais ali, na incapacidade de fazer valer o real desejo de ajudar quem nunca pedira por ajuda.

[A poeira, uma criança, pés ao fundo de uma cama, o suor da tese morena dela, latidos.]

Um tempo que escorria como os pingos que caíam pelas dobras de sua barriga era o mesmo tempo em que fugiam para dentro do automóvel. A vergonha incitava a pensar sobre a saudável vida abundante que tinham longe dali. Sentados na continuidade do caminho da desertificação, em vista longe, observam Andressa em sua vida, uma vida.

Já não eram mais os mesmos.



***Linhas***

Escrever por blocos. E passar dias sem escrever.

Transitar entre livros e permanecer a pousar e sair antes de ser pega por algum deles. Bordar.

O bordado silencia, faz saltar (Salenciar. Silentar).

Mas algo ainda se mantém suspenso, como um resto que esperasse algum movimento mais potente do corpo. Mexo nas linhas e um rolo de lã passa a se sobressair em algumas partes de mim. Experimentar sem o tecido faz ocupar outros lugares da sensação.

[Talvez pudesse desfazer o rosto, dar outros contornos às conversas e olhares rotineiros.

Vazada, talvez assoprar por sua forma encorpada e carnuda. Ter sido avessa a normas e se deixado banhar em seu próprio líquido corporal. Ter esvaziado seus dedos de vergonha, ter usado mais seus dedos consigo mesma.]

Repetia: talvez pudesse desfazer o rosto e não ser polida, tampouco pedir desculpas.

Passo, assim, a enrolar-me. Não sei o que faço, tateio.

Só escrever (pequenos blocos-escritos dessas experimentações)

Crê ser presa, sem ser.

- Mas era presa do quê ou de quem?

O estrangulamento, a dor, o sufocamento do que a constrangia. Cabeça explodiria, sentia mais a constrição das linhas quando engolia a saliva ou respirava mais fundo. Não suportava as linhas apertadas por mais de um minuto.

- Que linha é essa que sufoca, que faz entrar em pânico, que a estrangulava pela falta de ar?

A cabeça começa a latejar, como se houvesse um inchaço. Tenta suportar o enrosco de fios, mover o pescoço para alargá-las. Mas algo continuava a acrescentar mais voltas de linhas e mais a estrangulava, e isso acentuava seu rosto, ficava vermelha, seus olhos piscavam repetidamente.

- Quanto tempo consegue suportar a sensação de mal-estar? Os batimentos forçam as veias, o ar empurra, o corpo se esforça pra sair desse lugar enquanto lutava mais, e enquanto lutava, enrolava mais ainda os fios ao redor do pescoço, mas esse corpo não suporta, pensavam, e o pânico aumenta.

E então ela volta a tirar a linha, desvolta, desenrola.

Soltar a linha. Não vai aguentar! Demora. Vai, mais rápido, mais rápido! Usa as duas mãos, o corpo todo. Vai, vai, tira logo. Sai... Sai...

Respira, alegre-se!

Linhas que nos compõem, que “se transformam e podem mesmo penetrar uma na outra” (DELEUZE, 1996, p. 77). Linha molar que controla tudo, que aprisiona partes de nós, que nos engendra na teia e nos mata aos poucos, perdendo o ar lentamente, movimentos por espasmos até a paralisia total. Há breves respiros, quase imperceptíveis, enquanto se tenta destensionar a constrição dessa linha. Por algum tempo o alívio, a sensação de que o corpo circula melhor, quantidade mínima de desterritorialização que atinge a linha maleável. Mas a fixidez do tensionamento da linha dura volta a sufocar, a inchar a cabeça. Elas brigam entre elas. Ao insuportável, o salto, linha de fuga necessária, antes que se perca tudo; foi preciso fugir um pouco, saltar por uma linha de reboque, fazer a voz sair rouca porém forte, sair antes de explodir, atingir outro corpo e território (desterritorialização absoluta). Era tudo e nada. Não se sabe ao certo a que preço, nem o resultado

disso. Foi apenas necessário sair.

Que linhas temos traçado sob os outros, em nossas relações? Qual linha tem importado mais do que as outras? Quais linhas têm composto sua vida? Qual linha você traça e se superpõe a outra? Há linhas que fazem respirar e saltar, ou as imobilizadoras dominam seus gestos? E a que preço, para “você e para os outros [...]”? Qual linha você interrompe, qual você prolonga e retoma [...]? (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 77). Você inventa linhas de fuga, traçando-as efetivamente, na vida? Onde elas estão, como são constituídas, na docência, na linguagem, numa leitura e escrita?

Faça a linha e nunca o ponto. A velocidade transforma o ponto em linha (DELEUZE; GUATTARRI, 1995, p. 36). Linhas, porque pontos apresentam origens. Linha de devir passa *entre* e por isso não tem começo nem fim, nem entradas nem saídas, menos ainda destinos. Fiandagem sem coordenadas.

Contágios. Invasões em excesso. Relações de amor e também de ódio, mesmo de medo, repulsa. Há uma força, uma obstinação cega, ora veloz e incapturável, imóvel e soberana de uma aranha. Aos saltos e danças, há capturas, territorializações e desterritorializações. De algumas, vestígios de linhas de seda, rastros. Modo solitário, esconderijo, escavamentos, buracos. (Onde ela está? De onde ela saiu?). Imprevisibilidade de um animal.

Traçar linhas para atravessar a muralha. “De uma maneira ou de outra, o animal é mais aquele que foge do que aquele que ataca, mas suas fugas são igualmente conquistas, criações” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 71). No limite, só experimentações, para lançar-se a devires-outros. Entrar em devir-inumano para ser arrancada de uma identidade maior.

E todo devir que foge de uma figura padrão (homem adulto, macho, branco, heterossexual, ocidental) trata de um devir-mulher, animal, molecular, devir-minoritário, tornando-se um caso político, “e apela a todo um trabalho de potência, uma micropolítica ativa” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 89).

Mordida. Capturada. Desaparecer. O ar procura sair da constrição do peito. Sentir a narina cortada pela linha, irrespirante linhas. Compressão. Tensão.

[Fiandar sob si mesmo. Exercício de morte, sem morrer. Não conseguir. Rasgar os fios, deixar vãos, boca(r)]

Devir-presa. Perder ações, perder o rosto. Tornar-se imóvel. Ser capturada, desprender-se de si. Quelíceras sugam a substância interna da presa. Tomar posições diferenciadas em saídas de nossa bolha de mundo.

Mundo relacional de uma presa. As linhas que nos prendem, as quais não conseguimos saltar. As mesmas linhas que capturam uma presa e a levam a morte, sustentam o mundo relacional de vida de uma aranha.

Sem nome, apenas presa. Perder lembrança, história, consciência.

A-significante. Experimentar o espaço, o vão, enquanto os sons ao fundo me limitam a segundos de um sorriso torto, impedindo de mover-me pelo constrangimento de estar comprimida. Repetir a ação.

[Ocupar lugares sem identidade real ou ideal.]

Perder o poder de falar (*Você não precisa falar!*). Comprimir mais as linhas. Deformar a face. Mais um pouco.

*Angústia. Sentir a pele raspada, ardida.*

Não se sentir desconfortável no lugar da repetição. Não ver, não falar, tão somente tatear o escuro branco.



Esperar que algo se dê na força da sensação.

*-O que queres com isso?*

*-Uso do que tenho, não vês? Tenho que usar do corpo para pensar.*

*-E o que isso tem a ver com educação?*

Ruídos.

*- Se tivesse resposta, talvez você não acreditaria.*

*[Se te fechassem os  
olhos  
E comprimissem tua  
boca  
Ebugalhariam tua voz.  
Se deixares de respirar,  
ainda assim, atentas ao  
que sentes.  
Escola nenhuma ensina  
a desobediência  
de usares teu corpo  
para pensar]*





STERN

BRUNNEN

## ***Um por enquanto no que há (de vir).***

Leitura e a escrita permanecem penduradas no tempo, em reserva de se tornarem outra coisa nos saltos que fazem, no silêncio gerado, ou ainda em seus estados de gravidez. Elas desatam nós, instalam outros mais fortes, produzem linhamentos e enroscos e, a todo momento, a paralisia, uma incompleta imobilidade, se faz. Se faz enquanto buracos no tempo, como uma aranha que observa sem observar, em modo de espera por algo que faça o corpo ser engatilhado à ação: é possível nada passar. Penso que isso também seja aprender, porque a atmosfera da vida consiste em permanecer imóvel num tempo intensivo.

Hesitei em impor julgamentos sobre a própria pesquisa, deixando que ela tramasse os fios de silêncio como próprio movimento de pensamento. Uma presença na ausência de pesquisadora, mas povoado de acontecimentos. Lidar com o espaço interno da angústia do fazer pesquisa, e forçar para que essa nuvem não impedisse que escritas e leituras deixassem de se fazer. Mas, se esse era o desejo, também permiti que isso se desse. Os textos se fazem sempre em nós, de alguma maneira. Textos, ruídos, balbucios, soluços, sussurros... elementos que não se escreve, “que se perdem na língua escrita” (LARROSA, 2004, p. 297)

Sobrevoou, então, os fios traçados até aqui: perceber que já se deixou de ser tanta coisa para se tornar tantas outras. Mas esse sobrevoou carrega nos olhos o desejo de construir-se nas performances das asas, a velha dança ordinária dos antigos que nos gritam: há sempre em ti – e fora de ti - o movimento de “deixar o estado de ser uma coisa para voltar ao estado de AINDA não ser uma” (TADEU, 2005, p. 31). Insuportável rio que se entra e que se sai sempre outro, rio que nos faz morrer e nascer em vida.

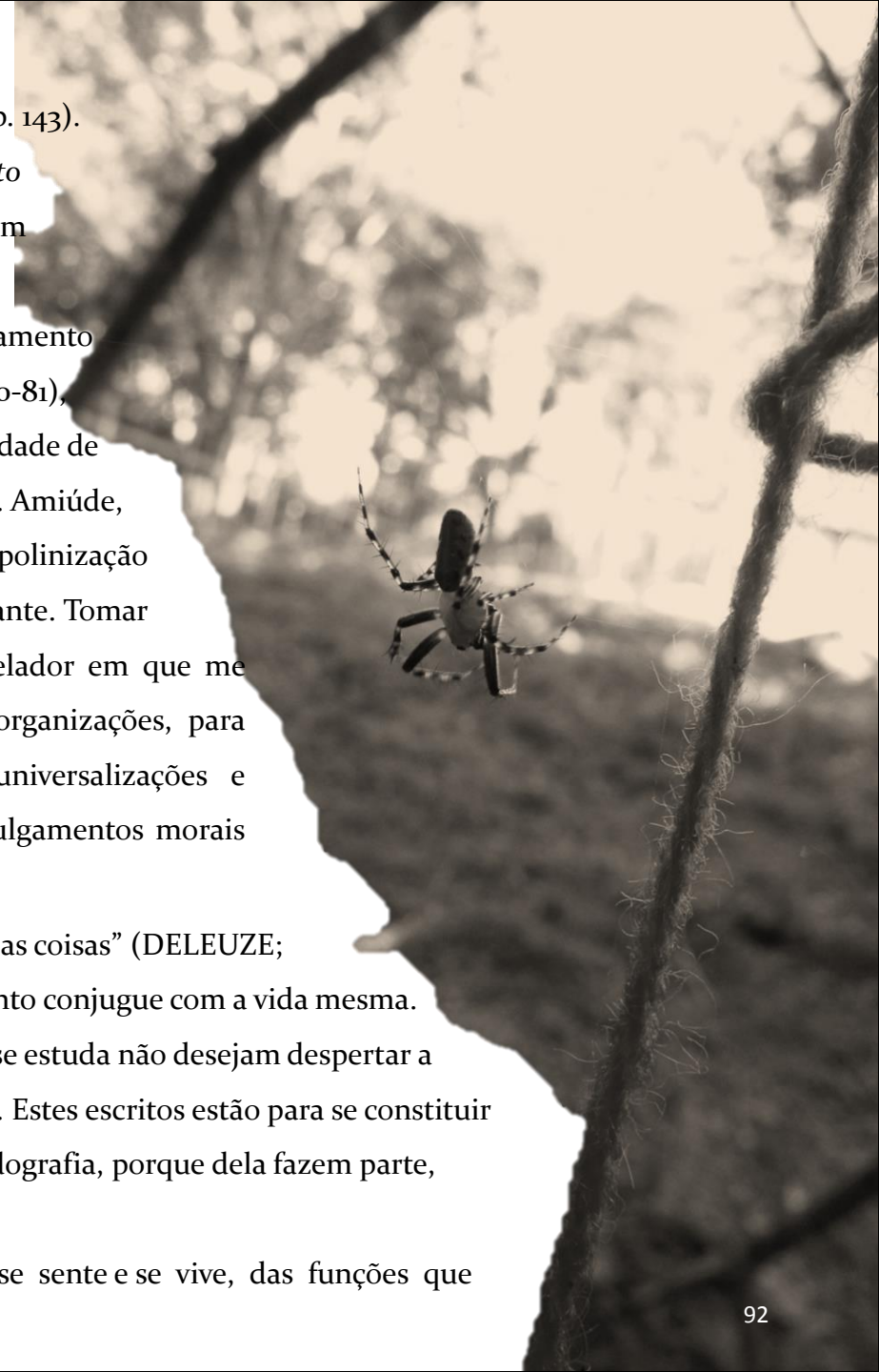
Apagar bordados e escritos e falas, ainda que não se apaguem. Talvez um movimento que independe de um autor que o faça. O que se alcança e é experimentado se une ao inacessível, a tudo aquilo que não foi, não se fez, pensou, viveu. “Colocar-se a si próprio sempre em questão” (BLANCHOT, 2007, p. 187-188). Então, morre-se mais um pouco.

Diagnosticar devires, experimentar, que é atentar ao que se está fazendo, e o que se está fazendo “não é o que acaba,

mas menos ainda o que começa” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 143). Uma fiandagem se constitui como um modo de viver *no enquanto da pesquisa*, no tempo-pesquisa de pós-graduação, uma passagem ao que se impõe, numa abertura ao aprender, ao desaprender, às de-formações que se permite fazer corpo-pensamento (“pensamento que mergulha na vida, e se deixa por ela irrigar” (GIL, 2000, p. 80-81), ao informe de sua constituição material, ao lugar como possibilidade de não-lugar (posto que não se sabe nem se prevê a aprendizagem). Amiúde, que esses agenciamentos venham repercutir como proliferação, polinização do pensar em outras instâncias como docente e, de novo, estudante. Tomar esse percurso na suspensão e na espera de um instante revelador em que me liberto da ordem do tempo cronológico, das hierarquias e organizações, para recriar-me em educação, para além das exigências de universalizações e totalizações, do jogo orgânico de organização, reconhecimento e julgamentos morais (ANDRADE; DIAS, 2011).

Exercício de deslizar pelas coisas, de “irromper no meio das coisas” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 74), para poder escrever, para que pensamento conjugue com a vida mesma. Poetizar e trazer as escritas produzidas para além do que se lê e se estuda não desejam despertar a opinião de que ‘se escreve bem, logo, mostra-se o que se escreve’. Estes escritos estão para se constituir como um modo de fazer uma pesquisa em educação, uma Fiandografia, porque dela fazem parte, por ela são atravessados e a atravessam, transformando-a.

Porque não se pode mais separar aquilo que se faz, se sente e se vive, das funções que



desempenhamos. Coloco-me exposta ao desarranjar do saber acumulado, do corpo estruturado, do sentir representado, ainda que se use de tudo isso para comunicar, atingir uma linguagem inteligível.

A tese dessa tese, portanto, trata de que se uma leitura e escrita podem produzir movimentos de aprender, de pensamento e de vida numa pesquisa em educação, a Fiandografia pode ser o modo de(formativo) de viver esse processo.

Processo que segue, procurando assustar a ânsia de preenchimento de vazios e do fundamento de uma pesquisa, de um sujeito. Processo que quer aprender a manter a devida distância da forma. Cultivar certa incredulidade e o ceticismo com os demais e consigo mesmo. Não se identificar com o que nos define, desconfiar das nossas opiniões, crenças e sentimentos pessoais, menos ainda morrer pelas ideias.

Um jogo: provocar e assumir as contradições próprias, ocupando “ironicamente as formas para destruí-las de dentro (e autodestruir-se com elas), mover-se permanentemente de uma forma a outra, aprender a expressar nossa ignorância, nossa imaturidade, nossa estupidez [...]” (LARROSA, 2004, 292).

São estas linhas que se enlaçam, misturam-se, e são lançadas, vazadas, interrompidas de um corpo que se pulveriza, que captura e é capturado, em diferentes circunstâncias de pesquisa e docência.

Estas discontinuidades que permanecem vibrando a teia e encapsulando quem lê, quem escreve, quem pesquisa, quem vive.

Boicotar-se, ser devorada por aquilo que não pega, alcança, mastiga, digere.

As palavras que nunca se encontram, sentidos nunca dados, brancos voláteis: essas páginas se perdem em serem evidentes, certas, compreendidas.

Linha de reboque solta, tensionada na medida que outro salto se faça, saltos ainda não dados.

Esperar, pendurada. Espero, devorada.

**Salto!**



## **Referências**

ANDRADE, Elenise Cristina Pires de; DIAS, Susana Oliveira. Biotecnologias, escritas, imagens, e... e(m) maquin-ações. In: AMORIM, Antônio Carlos; GALLO, Silvio; OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao (Orgs.). **Conexões: Deleuze e imagem e pensamento e....** Petrópolis, RJ: De Petrus, 2011. p. 193-204.

BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. São Paulo: Editora perspectiva, 1970.

\_\_\_\_\_. **O neutro**: anotações de aulas e seminários ministrados no Colège de France. Tradução: Inove Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fonte, 2003.

\_\_\_\_\_. **O grau zero da escrita**: seguido de novos ensaios críticos. Tradução: Mario Laranjeira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **O prazer do texto**. Tradução: J. Guinsburg. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

\_\_\_\_\_. **O rumor da língua**. Tradução: Mario Laranjeira. 3 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **A conversa infinita 2**. A experiência limite. Tradução: João Moura Jr. São Paulo: Escuta, 2007.

\_\_\_\_\_. **A conversa infinita 1**. Tradução: Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2010.

CANGI, Adrián. Anomalías. Gilbert Simondon, una filosofía de la individuación (posfácio). In: SIMONDON, Gilbert. **Dos lecciones sobre el animal y el hombre**. Buenos Aires: La Cebra, 2008. p. 79-110.

CORAZZA, Sandra Mara. **O que se transcria em educação?** Porto Alegre: UFRGS, 2013.

CORRÊA, Guilherme Carlos. EJA, educação e escolarização. X ANPED SUL. **ANPED SUL**, Florianópolis, outubro de 2014. Disponível em: < [http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq\\_pdf/2174-o.pdf](http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/2174-o.pdf)>. Acesso em: 11 de novembro de 2015.

COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.



\_\_\_\_\_. **Antes de nascer o mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009a.

\_\_\_\_\_. **O fio das missangas**: contos. São Paulo: Companhia das Letras, 2009b.

\_\_\_\_\_. **A confissão da leoa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. **Cada homem é uma raça**: contos. São Paulo. Companhia das Letras, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. Tradução: Peter Pál Perbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa**: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.

\_\_\_\_\_. **Lógica do sentido**. Tradução: Luiz Roberto Salinas Fortes. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

\_\_\_\_\_. **Proust e os signos**. Tradução: Antonio Carlos Piquet e Roberto Machado. 2 ed. São Paulo: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. **Conversações**. Tradução: Peter Pál Perbart. 3 ed. São Paulo: Ed. 34, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia**. Tradução: Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia, Vol. 1. Tradução: Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: 34, 1995.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia, Vol. 3. Tradução: Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia leão e Suely Rolnik. São Paulo: 34, 1996.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia, Vol. 4. Tradução: Suely Rolnik. São Paulo: 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução: Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

FERRAZ, Silvio. **Livro das sonoridades [notas dispersas sobre composição]** – um livro de música para não-músicos ou

de não-música para músicos. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005. Disponível em: <[https://www.academia.edu/7779315/Livro\\_das\\_Sonoridades](https://www.academia.edu/7779315/Livro_das_Sonoridades)>. Acesso em: 18 dez. 2015.

GIL, José. Uma reviravolta no pensamento de Deleuze. In: ALLIEZ, Éric (Org.). **Gilles Deleuze: Uma vida filosófica**. São Paulo: Ed. 34, 2000. p. 65-84.

GODOY, Ana. Conservar docilidades ou experimentar intensidades. In: PREVE, Ana Maria; CORRÊA, Guilherme (Orgs.). **Ambientes da ecologia: perspectivas em política e educação**. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2007. p. 121-138.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Tradução: Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LARROSA, Jorge. **Nietzsche & Educação**. Tradução: Semíramis Gorini da Veiga. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia profana**. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. 5 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

\_\_\_\_\_. **Tremores: escritos sobre experiência**. Tradução: Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LE CLÉZIO, Jean Marie Gustave. **Índio Branco**. Tradução: Júlio Henriques. Lisboa: Fenda, 1989.

MOSSI, Cristian Poletti. um corpo sem órgãos, sobrejustaposições: Quem a pesquisa [em educação] pensa que é? **Tese de Doutorado**. Programa de Pós-Graduação em Educação (Linha de Pesquisa Educação e Artes) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS). Santa Maria, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre educação**. Tradução: Noéli Correia de Melo Sobrinho. 6 ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2012.

ORLANDI, Luiz. **Um gosto pelos encontros**. Territórios de Filosofia. Publicado originalmente para o evento *Deleuze Internacional*, reunindo uma série de artigos escritos por interlocutores da filosofia de Gilles Deleuze no Brasil. 2014. Essa edição foi nomeada por *Deleuze na terra das palmeiras* e sua organização foi realizada por Wolfgang Pannek. Disponível em: <<http://goo.gl/EBKUfp>>. Acesso em: 01 fev. 2016.

RUPPERT, Edward E.; BARNES, Robert D. **Zoologia dos invertebrados**. Tradução de: Paulo Marcos Oliveira. 6 ed. São Paulo: Roca, 1996.

SCHÉRER, René. Homo tantum. O impessoal: uma política. In: ALLIEZ, Éric (Org.). **Gilles Deleuze: Uma vida filosófica**. São Paulo: Ed. 34, 2000. p. 21-38.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem**: educar. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

TADEU, Tomaz. **A filosofia de Deleuze e o currículo**. Goiânia: Faculdade de Artes Visuais, 2004.

UEXKÜLL, Jacob von. **Dos animais e dos homens**. Tradução de: Alberto Candeias e Anibal Garcia Pereira. Vida e Cultura: Lisboa, 1982.